

Stanford University Libraries



3 6105 025 546 248

www.libtool.com.cn

www.libtool.com.cn



STANFORD UNIVERSITY LIBRARIES

www.libtool.com.cn

www.libtool.com.cn



STANFORD UNIVERSITY LIBRARIES

www.libtool.com.cn

www.libtool.com.cn

III

BIBLIOTHECA DE AGRICULTURA E SCIENCIAS

www.libtool.com.cn

ECONOMIA POLITICA

PARA TODOS

POR

JOÃO DE ANDRADE CORVO



1881

EDITORIA—EMPRESA COMMERCIAL E INDUSTRIAL AGRICOLA

12, 1.º—Travessa de S. Nicolau—12, 1.º

LISBOA

RJ

www.libtool.com.cn

330
A553

1880

LALLEMANT FRÈRES, TYP. LISBOA

~~FRATRES DA~~ CASA DE BRAGANÇA
6, Rua do Tesouro Velho, 6

CAPITULO I

Considerações preliminares

É grande o interesse que todos temos em conhecer o que na sociedade, de que fazemos parte, se passa, com relação aos factos economicos que promovem e desenvolvem a prosperidade, o bem estar dos individuos, quer isolados quer em familia, e a riqueza das nações. São frequentes os erros que vogam ácerca das leis que presidem á producção, ao consumo, á distribuição das riquezas; esses erros são difficeis de destruir; e não menos difficil é de attingir a verdade em assumptos tão complexos, e que tão de perto interessam o homem, a quem facilmente segam as paixões e guiam os impulsos do egoismo, ou os preconceitos arreigados no espirito por uma observação incompleta dos factos.

Quando lançamos os olhos em volta de nós, vemos o homem praticando actos de diversas naturas, que demandam trabalho mais ou menos penoso. O homem lava, semeia e colhe. Corta as

florestas, encaminha as aguas, sécca os pantanos, muda, por diversas fórmas, a face da natureza. Abre estradas, construe pontes, lança caminhos de ferro, e assim aproxima as distancias no tempo e no dispendio com os transportes. Edifica habitações para si, levanta fabricas, architecta palacios e cobre a terra de cidades, ao mesmo tempo que sulca os mares com um sem numero de navios. Afeição, por mil modos, a materia bruta que tira do solo, das minas e dos bosques, e leva os seus productos ás regiões mais remotas do mundo. E tudo isto dá logar a continuadas trocas de productos entre homem e homem, entre paiz e paiz. Todos, póde dizer-se, produzem alguma coisa de que outros precisam; e cada coisa que se produz é trocada por outra, n'este variadissimo concurso de necessidades e de producções, em que o homem se agita durante a vida inteira.

Este movimento interminavel de producção e de consumo, de compra e de venda, este fazer e desfazer continuado tem um fim; melhorar a sorte do homem, satisfazendo-lhe as variadissimas necessidades, augmentando-lhe as riquezas de que necessita. O trabalho de cada homem aproveita aos outros homens, que para elle trabalham tambem. E' em beneficio reciproco que todos esses esforços se empregam: e, por isso, a dependencia mutua em que vivemos, sempre que as regras eternas da moral não são postergadas, deve es-

treitar entre todos os homens os laços que mantêm a sociedade ; a qual deve tender, constantemente, a aperfeiçoar-se, para que todos d'ella recebam as vantagens, que correspondem aos seus esforços. Estes estão em relação com variadas condições economicas, que não podem, sem perigo para todos, isto é, sem perigo para a propria sociedade, deixar de ser tidos em consideração, ou, o que é peor ainda, ser hostilizados e destruidos. A sociedade é a harmonia, é o equilibrio de forças que, embora pareçam por vezes ser contrarias, tendem todas ou devem tender para o mesmo fim.

Todo o homem, como diz Smith — o grande economista — tem o constante desejo de melhorar a sua sorte. Este desejo é permanente, uniforme, universal ; é um dos motivos poderosos, que determinam as acções de quantos na sociedade trabalham para augmentar a riqueza e promover a prosperidade. E' um dos motivos, decerto, mas não é o unico motivo. O egoismo não é o mobil unico da humanidade. Ha outro mobil, poderoso tambem, que o impelle, é a sympathia, a qual essencialmente differe do egoismo. A sympathia, diz n'outra obra sua o mesmo economista, não póde por fórma alguma considerar-se como um principio egoista. «Ha uma virtude, diz elle, cujas regras geraes dirigem, com a maior precisão, as acções externas que ella propria determina. E' a justiça.»

O homem, não ha duvida, cuida do seu interesse, mas o seu interesse é que a sociedade se conserve; e esta, só pela sympathia e pela justiça, na sua mais lata accepção, se pôde conservar. Uma sociedade, em que só o egoismo domina, é uma sociedade que tende necessariamente a dissolver-se.

Na alma actuam sentimentos que moderam o que nós chamamos o egoismo; e são esses sentimentos quem criam, quem desenvolvem, quem robustecem a sociedade. Na alma actuam poderosamente os sentimentos da collectividade, da sociabilidade; e estes dão origem á formação da familia, da tribu, do municipio, do estado. Não é o homem semelhante ao animal, que só conhece a satisfação das suas necessidades; é um ser moral, que comprehende e obedece ao dever, e sabe que o dever cumprido lhe dá direitos correlativos; é um ser que sacrifica muitas vezes a satisfação das proprias necessidades, o bem-estar e a vida, á patria, á humanidade, á verdade. Abstrair, no estudo do homem, das suas qualidades moraes, para só attender aos impulsos que n'elle provoca o interesse egoista, é esquecer um dos dados principaes do problema que se quer estudar.

* * *

São muito variadas e de diversas naturezas as acções do homem. A sua organização é complexa,

e complexas são também as sciencias que tem por fim estudal-o. Dividem-se essas sciencias em dois grupos distinctos, que correspondem : um, á parte physica da sua natureza ; outro, á parte mental d'essa mesma natureza. A Anatomia, a Physiologia, a Chimica Organica pertencem ao primeiro grupo ; ao segundo, a Psychologia, a Ethica, a Politica, e a sciencia que se chama a Economia Politica.

E' esta sciencia que estuda os variados actos da producção, do consumo, da distribuição, etc., que fornecem as relações economicas da sociedade, e de que resulta a criação da riqueza. Mas um tal estudo não póde—para se tornar pratico e util—deixar de ter em conta as necessidades physicas e as necessidades moraes do homem, as suas faculdades, as suas aptidões, as suas boas e más qualidades, os seus sentimentos ; embora busque reconhecer as leis a que obedecem os factos economicos nas sociedades, quando se consideram de um modo abstracto. E' o homem que trabalha para crear as riquezas (e logo veremos a significação d'este termo), que consome estas, que preside e debate a distribuição entre os que contribuíram para a producção das riquezas produzidas ; é o homem que emprega os agentes naturaes em seu proveito ; é o homem que vende, que compra, que economisa e que despende ; e a sciencia, que de tudo isto trata, tem de tomar em conside-

ração, que não está especulando sobre elementos abstractos e perfeitamente definidos, mas sobre as acções e as necessidades do homem; que é um ser livre, um ser moral e responsável, que obedece a influencias e a sentimentos que se não podem precisamente determinar, e ainda menos medir por meio de numeros.

São estas difficuldades grandes da Economia Politica, mas são tambem causas da sua utilidade incontestavel e importancia entre as sciencias moraes e politicas. Não pôde esta sciencia adoptar os methodos seguidos, quer pelas sciencias exactas, quer pelas sciencias naturaes. As primeiras tomam por fundamento dados abstractos claramente definidos, como os numeros, as linhas, as figuras geometricas, e, raciocinando sobre ellas, chegam a conclusões perfeitamente rigorosas. As segundas, as sciencias naturaes, observam e descrevem os phenomenos que passam na natureza, e procuram deduzir pela comparação, quaes são as leis que governam os phenomenos naturaes. Não assim as sciencias moraes e politicas'; porque estas occupam-se dos actos, das idéas, das creações do homem, e, se por um lado buscam encontrar a explicação dos phenomenos sociaes, e muitas vezes a encontram, por outro dictam preceitos, estabelecem regras, formulam leis, que devem reger as sociedades e encaminhal-as ao seu maior bem, ao *seu* mais completo desenvolvimento.



*
*
*

A Economia Politica é geralmente definida como sendo a *sciencia das riquezas*. Segundo as proprias palavras de Mill «é ella a sciencia que tem por fim investigar a natureza da riqueza e as leis da sua producção e distribuição.» E' claro que a palavra riqueza é tomada n'um sentido puramente technico. Todo o objecto que tem valor, diz um economista, é riqueza. Segundo o celebre Malthus, riqueza comprehende «to dos oobjectos materiaes que são voluntariamente apropriados pelos individuos.»

Estas definições precisam esclarecidas, e é o que faremos no capitulo seguinte: mas desde já podemos notar, que não se trata aqui da producção e distribuição «dos productos ou artigos que são necessarios, uteis ou agradaveis ao homem» sob o ponto de vista puramente physico; mas sim no que respeita ás relações que taes actos fazem nascer entre os homens. Os phenomenos industriaes são o resultado de acções humanas, e estas são o producto de impulsos moraes: assim pois, se á *tecnologia* pertence o estudo, a analyse dos processos industriaes, de qualquer ordem, que se empregam para crear — na accepção humana — productos que satisfaçam as necessidades do homem; á Economia Politica pertence o estudo e a analyse

das relações entre'os individuos e as sociedades, no que se refere a esses productos, á sua criação e consumo, á impressão que elles causam, ás associações mentaes connexas com elles, e aos desejos que a sua presença ou a sua ausencia nos causam.

Busquemos exemplificar o assumpto.

A presença dos alimentos produz, n'um homem esfomeado, uma sensação de prazer, e a ausencia d'elles uma sensação de pena ; a associação no espirito do homem, entre essas sensações e um objecto capaz de as produzir, excita o desejo de possuir um tal objecto. Nada tem, quem estuda os principios da Economia Politica, com os processos porque a agricultura produz a carne ou o trigo ; porque o moleiro faz a farinha, o padeiro fabrica o pão ; isso tudo pertence á agricultura e á industria, e não á Economia Politica. A importancia que estes ou outros objectos, que constituem riqueza, tem para ella, resulta do facto de que taes objectos são, foram ou hão de vir a ser objectos desejados pelo homem, que fará esforços, que trabalhará para os alcançar.

* * *

Uma das illusões dos philosophos, no seculo XVIII, era acreditar-se segamente na bondade nativa do homem e em leis naturaes, que presidiam á orga-

nisação das sociedades humanas. Os abusos, a opressão, a iniquidade dos máos governos e das más leis, que, por largos seculos, pezaram sobre a Europa, fez parecer aos que se preocupavam com o destino dos povos, que o remedio para tão grandes males era a abolição das instituições existentes, para que o codigo da natureza, a liberdade natural, podesse, sem impedimento, estabelecer-se no mundo. Tudo, ao saír das mãos da natureza, é bom ; repetiam em tom mais ou menos elegiaco, os mais notaveis escriptores do seculo passado. E d'estas opiniões nasceu a doutrina dos economistas, que ainda hoje prevalece com bastante pertinacea. Até hoje tem a Economia Politica confiado nas «leis naturaes» e na «ordem natural das sociedades» : d'essas leis naturaes esperam as reformas sociaes, e o engrandecimento e prosperidade das nações pelo augmento das riquezas. Para que se não ponha em duvida esta asserção, basta recordar o que diz um economista moderno, muito estimado e digno de o ser. «A Economia Politica, diz H. Passy, é a sciencia das leis em virtude das quaes a riqueza se forma, se reparte e se consume. Ora estas leis devemos reconhecer-as e reclamar a sua applicação. O fim que se quer alcançar é o maior bem para todos, mas os economistas mais esclarecidos não põem em duvida que as leis naturaes, e só ellas, levam a esse resultado, e que é impossivel aos homens substituir

as suas proprias concepções á sabedoria divina.»

Mas onde estão «as leis naturaes» que regulam a producção e a repartição das riquezas, e que se fundam na bondade humana? Toda a sociedade, a não se achar em estado selvagem, é regida pelas leis, que a observação dos factos e das necessidades publicas fez nascer, que a razão amadureceu e o espirito de justiça dictou. A civilisação é a luta contra a natureza; a arte de governar não é senão a luta contra as paixões, o egoismo, a violencia dos homens; para o maior bem e a mais completa liberdade de todos, sem prejuizo para ninguem. No periodo não civilisado, quando a natureza parece dominar sem limitação nem restricções, o mais forte é quem domina; o direito é impotente, a força tudo pode. O homem da natureza não é o ente bom e racional que os phylosophos phantasiaram; é um animal egoista, dominado pelos desejos e pelas paixões, sem ter em conta o direito alheio, inconsciente do mal que pratica. Já Bacon dizia: «Na sociedade ou vigora a lei, ou vigora a força», e as opiniões de Darwin, que hoje vogam na sciencia vem confirmar a preposição de Bacon.

O objecto da economia publica é mostrar como se formam, se repartem, se consomem as riquezas; como diz o autor que ha pouco citámos. O conhecimento d'essas leis complexas é indispen-

savel. Mas, á semelhança do que succede com as leis da mechanica racional, que precisam, quando se trata de as aplicar, coefficients de correcção, que tenham em conta as resistencias e as fricções, é tambem necessario, ao aplicar as leis economicas, introduzir-lhe correcções que as tornem applicaveis aos diversos estados da sociedade, ás necessidades dos homens, e aos dictames da justiça.

O economista não tem unicamente que estudar os factos e descrevel-os, deixando sem consequencias praticas esses estudos : tem de buscar o que, em cada caso, em cada paiz, convem melhor fazer, para se conseguirem os resultados mais convenientes para a sociedade. O economista não pode, como o naturalista, estudar os phenomenos da natureza, descrever os factos, buscar as causas do que observa, formular, quando pode, as leis que parece governarem o mundo ; o economista occupa-se de factos humanos, resultados do livre arbitrio, essencialmente mudaveis e que podem pôr-se, mais ou menos, em harmonia com a justiça, o dever, a felicidade do maior numero. Não pode o naturalista modificar as leis naturaes : mas o economista pode modificar o que elle chama as leis economicas.

* * *

«A economia política, diz S. Mill, não trata da natureza completa do homem, modificada pelo es-

tado social, nem do modo de proceder do homem na sociedade. Considera-o unicamente como um ser que deseja possuir riqueza, e que é capaz de julgar da efficacia comparativa dos meios de a obter. Prediz unicamente aquelles phenomenos do estado social, que tem logar em virtude dos esforços feitos para alcançar riqueza. Abstrae completamente de qualquer outro motivo ou paixão humana, á excepção d'aquelles que se podem considerar como principios perpetuamente antagonistas do desejo da riqueza, taes como, aversão ao trabalho, desejo do goso presente de custoso luxo... A economia politica considera o homem como unicamente occupado em adquirir e consumir riqueza; e busca descobrir qual é a direcção das acções segundo a qual o homem, vivendo em sociedade, é levado, se aquelle motivo, não contrariado pelos dois contra-motivos acima indicadas, é o guia absoluto de todas as suas acções.»

Por o que fica citado vê-se que, na opinião de Mill, o homem não é unicamente levado pelo desejo de possuir riquezas, mas que a economia politica só o considera debaixo d'esse aspecto: que abstrae de qualquer outro motivo ou paixão, não porque não haja outros motivos e paixões que actuam sobre o homem mesmo em relação á produção, consummo e distribuição das riquezas, mas porque assim se simplifica uma hypothese

que se torna como fundamento para o estudo das relações economicas.

A verdade, porém, é que a riqueza, para o homem em sociedade, não é um fim, é um meio: por meio da riqueza o homem quer chegar á satisfação das suas necessidades, e estas são phisicas ou moraes. Conseguir o prazer, evitar a pena, é o verdadeiro fim que, pelo trabalho, por incessantes esforços, pertendemos alcançar.

Muitas são as causas que determinam as nossas acções, e que nada tem com o estreito egoismo, a que se tem querido attribuir uma importancia maxima em economia politica. Tem o homem sentimentos, habitos, opiniões que por forma alguma se harmonisam com a propensão exclusiva de adquirir riquezas. O amor da patria, dos parentes, dos amigos; os sentimentos da justiça, de probidade, de dignidade, frequentes vezes se opõem victoriosamente ao egoismo, que busca exclusivamente a riqueza. Suppondo um individuo dominado unicamente pelo desejo da riqueza, mesmo na acepção technica da palavra, esse individuo seria irresponsavel pelas suas acções; porque todos os seus pensamentos, todos as suas idéas se encaminhariam para um fim unico, a posse da riqueza. Um tal individuo não teria nem escrúpulos, nem remorsos; faltaria impudentemente á verdade; quebraria os seus contractos; commetteria os maiores crimes, sempre que se

tratasse de adquirir riqueza, e o podesse fazer sem perigo. Comprehende-se bem que uma sociedade, constituida com taes elementos, não poderia existir. www.libtool.com.cn

A sociedade é um agregado de individuos, ou unidades; mas, por essa razão mesmo, a sociedade não poderia existir se em cada unidade não houvesse tendencia para a agregação. O egoismo, quando isoladamente considerado, é uma força que desagrega em vez de unir.

A familia é a escola onde se aprende a ser um membro da sociedade. E' na familia que o homem aprende a viver a vida dos outros. E' ali que se conhece a conveniencia de dividir as funcções, para maior bem da associação. O sentimento da authoridade, o amor da justiça, na familia é que tem a sua origem. Na familia todos trabalham em beneficio reciproco, e todos se interessam pelo bem commum. Se o egoismo dominasse só, a familia era impossivel; e impossivel era a sociedade.

O mesmo escriptor, a que ha pouco nos referimos, mostra a pouca confiança que lhe merece a hypothese, que elle proprio formula nas palavras acima citadas. A «economia politica, diz Mill, indaga quaes as acções que se produziriam por *esse desejo*, se no campo de que se trata, elle não fosse impellido por nenhum outro. Por este caminho, obtem-se uma aproximação maior do que

por outra qualquer forma, pelo que respeita a verdadeira ordem dos negocios humanos em tal assumpto. Esta aproximação tem de ser correcta, tomando em conta os effeitos de qualquer impulso de differente natureza, que póde vir a interferir no resultado em qualquer caso particular... Em tanto que se conhece, ou pode supor-se que a conducta do homem em busca da riqueza está sob a influencia collateral de outra qualquer das propriedades da nossa natureza, além do desejo de alcançar a maior quantidade de riqueza com o menor trabalho e sacrificio, as conclusões da economia politica não poderão ser applicaveis á explicação ou predicção dos acontecimentos reaes' até que sejam modificadas por uma correcta apreciação do gráo de influencia exercida pelas outras causas.»

Eis aqui indicados claramente os coefficients de correcção a que acima nos referimos, e que julgamos indispensaveis quando se trata da applicação dos principios abstractos da sciencia.

* * *

Estas considerações preliminares pareciam-nos indispensaveis, para bem se comprehender a natureza da sciencia, de cujos primeiros rudimentos nos vamos occupar.

A sciencia tem verdades incontestaveis; a ex-

perencia confirma a utilidade da applicação de taes verdades ; quando se não exagera a sua significação, quando se não perde de vista que a economia politica é uma sciencia que se occupa do homem, é uma das sciencias moraes e não uma sciencia physico-natural, e ainda menos uma sciencia da natureza das sciencias exactas. Como sciencia moral não tem ella só a descrever o que existe, tem tambem que indicar o que deve existir ; o que devemos a nós e aos outros ; o que temos a fazer, ou a evitar para chegar á possivel perfeição ; as instituições que, sob o ponto de vista economico, convem reformar, convem substituir, convem crear de novo.

A economia politica deve ter um ideal porque trabalhe, deve pensar no futuro dos povos ; deve ver os males não para os registar apenas, mas para lhes acudir. Isto mostra quanto é difficil e complexa esta sciencia ; e quanto ella tem que fazer ainda, para salvar a sociedade dos eminentes perigos com que a ameaçam as questões sociaes.

* * *

São numerosas as illusões, os erros arreigados no espirito do povo, ácerca de questões economicas : porque todos julgam entender os fundamentos da complicada sciencia, cujos principios se tem pouco a pouco ido formulando, graças aos esforços de illustrados e laboriosos economistas. Ninguém

tem a ousadia de contradizer um astrónomo a respeito dos eclipses, ou um naturalista no que respeita ao conhecimento dos animaes; mas é geral que, pessoas que ignoram totalmente os fundamentos e os factos das sciencias moraes, e especialmente da Economia Politica, se julguem aptos a formular uma opinião a respeito dos mercados, da acção produzida pela alta ou baixa dos salarios, pelos maiores ou menores direitos pagos pelas mercadorias; emfim, a respeito de algumas das mil questões de importancia social ou da significação politica. E, comtudo, são as questões d'esta natureza mais dificeis de entender e de resolver do que as questões de astronomia, ou de historia natural. Na applicação das sciencias economicas, assim como das sciencias politicas, suscitam-se paixões, irritam-se vaidades, offendem-se interesses, e por isso taes sciencias são vistas com desgosto pelos ignorantes, e pelos interessados em lhes não reconhecer a exactidão e a efficacia: por outra parte, os proprios economistas contribuem para este resultado, pela sua demasiada confiança no que elles chamam leis incontestaveis, e que não são senão deducções racionaes, mais ou menos exactas, de hypotheses mais ou menos bem fundadas; e ainda assim contribuem para isso, não querendo ter em conta as mil circumstancias que modificam e devem modificar, na pratica, os principios da sciencia pura e isolada.

Ha na sciencia verdades incontestaveis, e essas é indispensavel a todos conhecel-as. E d'essas que buscaremos dar idéa clara; e procuraremos expôr as consequencias praticas, e de geral interesse que d'ellas se derivam.

CAPITULO II

Definições

A Economia Politica é, segundo a difinição de um economista notavel, a sciencia que tem por fim determinar o modo por que a *riqueza* é, e deve mais vantajosamente ser, produzida, repartida e empregada, para interesse dos individuos e da sociedade inteira ; ou, por outras palavras, o fim da Economia Politica é conhecer as leis ou relações naturaes, necessarias e harmonicas dos intereses. Esta difinição tem as mais estreitas relações com o que fica dito anteriormente ; e a ella se applicam as considerações já expostas.

* * *

A primeira coisa que é necessario conhecer, para bem entender o fim e natureza da economia politica, é a significação que se dá á palavra *riqueza*. O que é *riqueza* na accepção em que a palavra é tomada pelos economistas ? Segundo as

idéas populares, riqueza é a abundancia de dinheiro; é rico o homem que tem um cofre forte, cheio de ouro ou prata. Para outros, consiste a riqueza na posse de terras em grande extensão.

E, comtudo, a riqueza não consiste unicamente, nem em possuir dinheiro, nem em ser proprietario de extensões fazendas. Póde um homem ter muito dinheiro e não satisfazer as suas mais urgentes necessidades; póde um homem ter vastos terrenos e não os saber, ou não os poder cultivar, e n'esse caso não tirar d'ellas producto algum. N'um e n'outro caso a riqueza não está nem no dinheiro, nem na terra.

Chama-se *riqueza* tudo o que é transferível, limitado em quantidade, e que, directa ou indirectamente, produz prazer ou evita desgosto. Assim pois, a riqueza deve ter tres qualidades distinctas, e tudo o que tem essas tres qualidades forma parte da riqueza. Toda a vez, pois, que uma cousa qualquer pode ser transferida de um para outro individuo, que é limitada a quantidade que d'ella se encontra á disposição do homem, e que essa cousa é *util*, temos uma riqueza na accepção economica.

A importancia de que uma cousa seja transferível para ser riqueza, na accepção economica, é clara. Póde algumas vezes a transferencia fazer-se *de mão a mão*, como succede com um relógio ou um livro; outras vezes, o acto da transferencia

tem logar por meio de uma obrigação ou escriptura, como succede com uma casa ou uma terra : os serviços, que os homens fazem uns a outros, tambem se transferem ; como succede, por exemplo, quando um homem aluga os seus serviços como moço de recados ; ou quando um musico tranfere aos que o ouvem o beneficio das suas harmonias. Ha cousas que merecem ser desejadas, mas que não pôdem ser transferiveis ; assim, um homem abastado pôde pagar os serviços de um robusto trabalhador, mas não lhe pôde comprar a saúde : o amor dos parentes, a estima dos amigos, a felicidade de uma boa consciencia são cousas que se não pôdem transferir, que se não pôdem comprar por preço algum. Nem tudo que pôde fazer a felicidade do homem cæe nos domínios da Economia Politica ; nem tudo é riqueza, nem tudo pôde ser transferivel, nem tudo se pôde vender e comprar. Um homem pobre, com boa saúde, uma consciencia limpa, e a estima dos seus amigos, pôde ser muito mais feliz do que o homem rico ; mas o que tem a fortuna de gosar todas aquellas venturas não as perde por se tornar rico. A riqueza está longe de ser a unica coisa boa ; mas é uma cousa boa, porque satisfaz as nossas necessidades, porque é util.

* * *

Não é de menor importância, para a boa compreensão da palavra riqueza, o não considerar como tal senão o que se encontra em quantidade limitada nos mercados, onde os homens se podem abastecer. As cousas que se não apresentam em quantidade limitada, não são riqueza : uma cousa qualquer, embora muito necessaria ao homem, mas que este póde haver n'uma quantidade egual áquella de que precisa, nada tem que torne desejavel o seu acrescimo em relação aos consumidores d'ella. O ar, por exemplo, é absolutamente necessario á vida, mas não póde considerar-se riqueza, porque d'elle temos quanto quizermos, sem esforço algum. Se nos faltasse, se fosse preciso um esforço para o alcançar, então elle passaria a ser uma riqueza.

A agua não é uma riqueza para as populações que vivem á beira do rio, onde todos a podem ir buscar para satisfazer as suas necessidades ; mas n'um lugar onde falta, onde é preciso il-a buscar longe, e com penoso trabalho, a agua torna-se logo uma riqueza, não só pelo util que é ao homem, mas porque a sua posse se póde transferir e custa trabalho, e porque a sua quantidade é limitada.

Os diamantes tem um grande valor, são uma



riqueza incontestavel, ainda que sejam muito limitadas as suas applicações, como todos sabem, e estas serem das que facilmente se dispensam. O grande valor dos diamantes é resultado da escacez que ha d'elles no mercado. Mas esta só por si não basta. Assim, ha muitos metaes que são pouco abundantes na natureza, mas nem por isso tem valor, porque não tem uma applicação conhecida que os torne necessarios e uteis ao homem.

A *riqueza* deve ser *util*, ou ter *utilidade*. Já acima dissemos, que as cousas que, directa ou indirectamente, produzem prazer ou evitam desgosto são riqueza, e são necessariamente uteis. Um instrumento bem tocado dá prazer ; um remedio a tempo evita padecimentos ; uma e outra cousa são uteis.

* * *

Não pôde existir um homem sem necessidades. Estas pôdem nascer do corpo, physiologicamente ; pôdem tambem nascer de um movimento voluntario da alma ; e, em ambos os casos, as necessidades são a consequencia immediata da propria constituição do homem, e proporcionam-se ao seu estado mais ou menos perfeito de civilização.

A necessidade é um inseparavel companheiro do homem, e de que este não pôde livrar-se se não á custa da vida. O selvagem, o homem que

mais força empregue para limitar as proprias necessidades, tem ainda assim necessidade de comer para viver. A não satisfação das necessidades é um soffrimento; a satisfação d'ellas um prazer; e isto basta para levar a humanidade a trabalhar, já pela acção da dôr, já pela do prazer, já pela esperança ou já pelo medo. Pelas necessidades o homem estuda, observa, combina, inventa, afim de obter a maxima quantidade de coisas uteis com o minimo trabalho. Não podendo fazer tudo por si só, o homem associa-se com outros, estabelece preceitos que harmonisem as vontades, regulem os esforços, compensem com justiça os sacrificios de cada um, e melhorem o estado de todos.

Em reflectindo um pouco, logo reconhecemos que, geralmente, pouco necessitamos de cada cousa, mas que precisamos de variadissimas cousas, em quantidade muito limitada. Ninguem dirá que o homem, para jantar, precisa só de batatas, ou de pão, ou de carne, ou de hervagens; mas antes sabem todos, que prefere a variedade, uma menor quantidade de cada cousa, e que esta é a melhor alimentação. O mesmo se pôde dizer da roupa, ou dos livros, ou dos moveis; uma só cousa, muitas vezes repetida, seria uma superfluidade, e estaria longe de satisfazer as nossas necessidades. Assim pois, as necessidades humanas tendem para a variedade: e é isto que alguns economistas chamam a lei da variedade. As nossas ne-

cessidades seguem uma certa gradação na sua relativa importancia; e uma tal gradação depende da maior ou menor força com que as necessidades se fazem sentir, e do maior ou menor inconveniente que pôde resultar de as não satisfazer.

Não ha para as necessidades um limite; multiplam-se, e variam com os progressos da civilização, com o desenvolvimento das qualidades phisicas e das faculdades intellectuaes do homem. Quem tem uma boa casa, deseja ter ainda outra: uma na cidade outra no campo: o mesmo succede com muitas outras cousas do uzo do homem.

Por maior que se torne a producção das riquezas no mundo civilisado, não se pôde sopôr que chegue a ser tal que não haja quem deseje essas riquezas. Quando o povo tem que comer, deseja ter que vestir; uma vez vestido, o povo deseja possuir habitações commodas onde se abrigue; e depois, deseja tambem ter em volta de si, em sua casa, alguma cousa que lhe falle ao espirito: objectos de arte, ou livros, etc. Se houvesse excesso da riqueza produzida, esse podia ser de uma qualidade, mas não de todas as qualidades. Pôde dar-se o caso de produzirem n'um anno os agricultores cereaes de mais para as necessidades da população; mas n'esse caso, não succederá o mesmo em toda a parte, e o commercio tratará de nivelar os excessos de um paiz com as dif-

ciencias dos outros ; de mais, os agricultores buscarão produzir menos trigo, e mais carne, mais leite, etc.

Um objecto que satisfaz uma de nossas necessidades, é um objecto util. Mas não podemos confundir utilidade com valor ; porque são duas cousas distinctas,

*
* *
*

Porque é util não se segue que uma coisa seja riqueza ; e é facil vêr porquê. O ar, a agua da chuva, as pedras não são riqueza, porque d'ellas não temos necessidade, ou porque chegam para completamente satisfazer a necessidade que de taes coisas temos. Quando dizemos que a agua, por exemplo, é util, entende-se que o é em quantidade limitada e na occasião opportuna. A agua que nos satisfaz a sede, ou aquella que rega os campos, é util ; mas a agua accumulada nos pantanos e que produz a insalubridade, a agua de uma cheia que innunda os campos e destroe as searas, não é util, é nociva. A agua é util quando e onde é precisa, e na quantidade em que é precisa e não n'outra.

A utilidade é uma relação entre o homem e as coisas que podem satisfazer as suas necessidades. Assim, pois, a utilidade das coisas depende da apreciação que d'ellas fazemos, e póde variar, quer

as coisas variem, quer mude o modo de vêr dos homens. O que é útil n'um lugar, é inutil n'outro: a utilidade das coisas pôde variar com os tempos. Um vestuario que abriga bem um homem, pôde fazer-se velho com o uso, e perder em grande parte a sua utilidade. Um vestuario bem feito tem uma grande utilidade n'uma dada epoca; mas o tempo passa, muda a moda sem o vestido se estragar, então uma parte da utilidade perdeu-se com a mudança da apreciação do dono do vestuario. Poder-se-hiam multiplicar os exemplos, para provar que a utilidade é apenas uma relação das coisas com os homens, sob o ponto de vista das necessidades d'estes.

Como vimos, as necessidades são muito variadas e complexas; por isso deve succeder, e succede, que uns tenham de certas coisas mais do que lhes é preciso, em quanto outros tem de menos essas coisas e de mais outras. Necessariamente, em taes casos, só ha um meio de equilibrar as necessidades de cada um com os meios de as satisfazer; é trocar umas por outras essas coisas, segundo as conveniencias dos que fizerem a troca. Mas, para que esta tenha lugar, é necessario estabelecer a relação entre os objectos que se hão de trocar.

Essa relação entre as coisas que se trocam umas por outras, é o seu *valor*.

* * *

Uma coisa, que só se acha em quantidade limitada, em tempo opportuno, e tendo a propriedade de satisfazer alguma de nossas necessidades, é uma coisa *util*. A utilidade não é uma qualidade *intrinseca* á substancia; porque, a ser assim, quantidades maiores da mesma substancia, ainda que excedendo os nossos desejos, augmentariam a utilidade da coisa de que se trata. Não se pôde confundir a utilidade de uma coisa com as qualidades *physicas* de que depende a utilidade. A utilidade e o valor são meros *accidentes* das coisas, que dependem de as desejar alguém; e o gráo de utilidade e o valor d'ahi resultante depende da extensão em que os desejos ficaram satisfeitos.

Considerando como constantemente variavel, mesmo em relação a porções differentes de um *producto* qualquer, a utilidade; facil é reconhecer que trocamos a parte dos nossos haveres, que para nós tem um gráo inferior de utilidade, por artigos que, sendo de inferior utilidade para outros, são por nós mais desejados. A troca vae continuando até ao ponto em que uma nova porção, obtida por esta fórma, egualaria em utilidade para nós a da coisa cedida em troca; não havendo assim ganho nem perda de utilidade; além d'este *limite*, o *escambo* daria perda.



Em cada acto do escambo, uma determinada quantidade de uma substancia é trocada por uma quantidade definida de outra. Podem as coisas que se trocãr ser de mui diversa natureza, e diversamente medidas; assim, podemos dar certo peso de oiro por um determinado comprimento de pano, ou por uma superficie de tapete, por quantidade ajustada de litros de vinho, ou por um dia de trabalho de uma junta de bois, por um cento de laranjas; e em todos estes casos ha troca, relação entre productos, idéa de valor. As quantidades que se comparam são expressas em peso, comprimento, superficie, capacidade, tempo, força, etc., mas todo o escambo consiste, em dar tantas unidades de uma coisa por tantas unidades de outra, embora as unidades não sejam da mesma natureza.

Vê-se, pois, que cada acto de escambo é determinado *pela razão entre dois numeros*. A palavra *valor* é geralmente usada para designar a alludida *razão*: se, no mercado, uma tonelada de cobre, por exemplo, obtem por troca dez toneladas de ferro, diz-se que o valor do cobre é dez vezes o valor do ferro. Quando se diz que o ouro vale mais do que a prata, quer isto dizer que, no acto da troca entre os dois metaes, é preciso dar mais peso de prata do que de ouro. Nunca, ao fallar no valor de um objecto, podemos deixar de ter no espirito *a lembrança de outro objecto, em relação ao qual*

se fez a avaliação. Uma mesma substancia póde subir e baixar de valor ao mesmo tempo ; assim, se por um dado peso de ouro posso alcançar mais prata e ~~menos cobre do que antes~~, é claro que o valor do ouro subiu em relação á prata, e baixou em relação ao cobre. E' pois certo, que a palavra valor indica uma comparação, uma relação, a razão entre dois numeros. Não é uma propriedade intrinseca das coisas, porque então não poderia ella crescer e decrescer ao mesmo tempo.

Os economistas, algumas vezes, distinguem o valor, em *valor de uso* e *valor de troca* ; mas, geralmente hoje, por valor, entende-se o valor de troca. E' certo, porém, que nós podemos conceber a idéa de valor, sem a idéa de troca effectiva. Póde um homem possuir uma coisa, sem que a possa trocar ; e, para o homem que a possui, ser ella util, ter valor, pois a não daria senão em troca de outras coisas de valor. Um lavrador, por exemplo, leva para uma localidade, onde não é conhecida, uma boa charrua moderna : em tal logar a charrua não terá comprador ; assim não terá valor algum de troca. O lavrador usa da boa charrua, obtem os productos do solo com menos trabalho e em mais abundancia do que os seus visinhos ; então, ao vender os productos, ganha mais, e isso é o resultado do emprego da charrua ; e esta, em relação ao que a possui, tem verdadeiro valor.

Na opinião dos economistas dois elementos são essenciaes ao valor; a utilidade e a raridade. Estes elementos só por si não constituem valor. Um objecto pôde ser util, e não ter valor: a agua, o ar, por exemplo. Um objecto pode ser extremamente raro, e não ter valor algum: certas especies de metaes extremamente raras, mas que de nada servem. Mesmo a combinação dos dois elementos, utilidade e rariedade, podem não dar valor a um objecto. A agua, n'um deserto arido, apesar de util e excessivamente rara, pode não ter valor se o viajante d'ella não necessita; mas se o viajante tem grande necessidade d'agua, então esta passa a ter grande valor, e esse valor proporciona-se á intensidade da necessidade. O desejo humano entra pois como elemento do valor. Damos valor a um objecto, quando julgamos que a sua posse nos pode satisfazer um desejo: desejamos a posse quando esta nos pode ser util ou agradável, isto é, dar-nos prazer ou evitar-nos desgosto.

O valor não está no objecto desejado, mas no espirito de quem o deseja. Não é uma qualidade que existe nas cousas, mas puramente um attributo mental.

* * *

O valor, determinado pela troca dos objectos uns pelos outros, é simplesmente o resultado da

estima que fazemos em nós mesmo do valor relativo das cousas que se tem de trocar; isto é, uma comparação entre dois objectos, segundo o que custaram a produzir, e a utilidade que do seu uso se pode tirar.

Este processo é muito complicado; para tornar mais facil as relações que constituem os valores, e para facilitar as trocas entre individuos cujas necessidades se não correspondem, buscou-se um intermediario para todas as trocas, uma medida commum para todos os valores. Esse intermediario, essa medida é o dinheiro; *a moeda*.

Quando duas pessoas tem para vender, uma trigo e outra panno; mas a primeira precisa uma charrua, e a outra um chapéu; é claro que nenhuma d'ellas, por um acto de simples troca, ficaria satisfeita. O possuidor de trigo ficaria com panno, de que não precisa, o possuidor de panno com trigo de que não necessita. Cada um dos dois teria que buscar: o primeiro, um fabricante de charruas que precisasse panno, o segundo um chapeleiro que precisasse trigo. Necessariamente isto tornaria muito complicado o processo das trocas. Havendo a moeda, que todos aceitam, então o processo simplifica-se. Ambos vendem os seus productos a troco de moeda; e ambos, com a moeda encontram no mercado quem lhes vende aquillo de que precisam.

Além d'isso, como a relação entre os valores se

representa por uma medida commum, a qual é sujeita, relativamente, a pequenas oscilações; segue-se que melhor podemos conhecer, por intermedio da moeda, a relação dos valores de todos os objectos que se trocam no mercado. Uma cousa vale dez tostões, outra vale cinco; é claro que a primeira cousa vale o dobro da segunda. O valor de uma mercadoria em moeda, chama-se *preço*.

O preço é o que nos interessa, quando fazemos transações no mercado, e não o valor. Entre *valor* e *preço* ha uma differença essencial: o valor depende de uma simples avaliação: o preço depende de duas, a do comprador e a do vendedor. O preço de uma cousa é aquillo porque ella se vende no mercado; e ainda que não ha mais do que um preço n'um dado tempo e logar, ha comtudo diversos valores. Chega-se a um determinado preço quando coincidem dois ou mais valores, ou quando a estima dada a um artigo pelo vendedor coincide com a estima que d'elle faz o comprador. Não só os individuos diferem nos valores que dão ás cousas, mas seguem methodos diversos para os determinar. Uns calculam o valor das cousas conforme o uso que d'ellas podem fazer: outros segundo a sua raridade; outros segundo o trabalho que custou a produzi-las. O primeiro é o verdadeiro valor: o segundo o valor do monopolio: o terceiro o valor natural das *cousas*.

O verdadeiro juiz do valor, porém, é o mercado. Este fixa os preços pela comparação dos valores individuaes.—Quando quero comprar uma mercadoria, avaluo-a mas avaluo igualmente a que desejo vender. A pessoa que me deseja comprar esta e vender-me outra, determina igualmente o valor de ambas. Se a minha avaliação é igual á d'elle, a equação d'esses valores dá o preço. Se as avaliações não se ajustam, não ha troca, e consequentemente não ha preço.



As leis da *Procura* e da *Offerta* tem acção directa sobre o valor e preço das cousas, e pôdem fazer variar um e outro, sem mudarem as outras condições economicas. Por *offerta* intende-se a quantidade de uma dada mercadoria, que se encontra nos mercados; por *procura* intende-se a quantidade de uma dada mercadoria, que os consumidores desejam comprar nos mercados; mas antes que alguém possa saber a quantidade de uma certa mercadoria, que deseja comprar, precisa conhecer-lhe o preço. Se o pão, em vez de ser a quarenta réis o arratel, fôr a cincoenta ou sessenta réis, claro está que um pobre será obrigado a comprar menos pão, e comprará uma porção mais consideravel, do que a principio tencionava comprar, de outra materia alimentar mais barata.

o mesmo sucederá com o preço da carne. A oferta no mercado variará também, em consequencia das mudanças no preço. Se o preço da carne, por exemplo, sobe, os lavradores mandarão mais gado ao mercado, para obter d'elle maior lucro : pelo contrario se o preço baixa, os lavradores esperam melhor ensejo para vender o gado.

O augmento do preço produz maior oferta e menor procura, e ambas as cousas tendem a fazer baixar o preço : o abaixamento do preço faz diminuir a oferta e crescer a procura, e ambas estas cousas tendem a fazer subir o preço. Eis como o pedido e a oferta influem no preço.

O preço deve ser tal, que a quantidade pedida n'um dado momento seja igual á quantidade offerecida. Os que precisam de uma mercadoria, e a não acham por um certo preço, offerecerão maior preço para a haver, e a oferta crescerá com o preço, até que a abundancia produza a des-cida do mesmo preço.

CAPÍTULO III

Produção

Satisfazer as nossas necessidades é o fim da produção. A primeira coisa é conhecer, quaes sejam as nossas necessidades ; a segundo é saber quaes sejam as cousas que as pôdem satisfazer. Estas não pôdem ser senão productos e serviços ; uns e outros dependem de esforços humanos, são fructo da *Produção*. O interesse de todos é, que as cousas se produzam com o menor esforço possível, com o menor trabalho. Pois que o trabalho é um esforço, um sacrificio ; a primeira coisa a attender é aproveitá-lo o mais possível.

Quando produz, na accepção economica, o homem não cria nem materia nem força ; cria aptidões nas cousas para satisfazerem as nossas necessidades : emprega forças da natureza, que acha em si proprio ou de que se apropria, para modificar a materia, e prepará-la assim em relação ás nossas conveniencias. Em tudo isto o produtor faz uso das suas faculdades mentaes ; são es-

tas que lhe ensinam a apreciar as necessidades e a achar a forma de lhes dar satisfação.

Na mais complexa, como na mais singela operação industrial, entra a materia e as forças da natureza; mas, necessariamente, interveem as faculdades do homem, que encaminha as forças e modifica a materia, no intuito de alcançar productos, que possam satisfazer as necessidades dos consumidores. Sem a intervenção da razão humana não ha produção propriamente dita. O trabalho de um louco, por mais violento que seja, nada produz. Em todos os productos acharemos sempre os vestigios da razão humana; em condições mais ou menos rudimentares. São elles bem patentes na fabricação de um relógio, por exemplo: mas não o são menos no simples palito de que fazemos uso para limpar os dentes.

Claro é que, no preço de um producto, entram o esforço que elle custou a produzir, e a intensidade com que se empregaram n'elle as faculdades do homem; isto é, o trabalho. Não se julgue porém que o trabalho só, é a origem do preço; já vimos que não.

* * *

Quando uma cousa—tal como o ouro—tem grande valor, observam alguns economistas que, para o alcançar, os homens fazem grandes sacrificios, e,

por isso, afirmam que, o grande trabalho que ella custou, é a causa do seu elevado valor. Mas isto não é exacto.

Se fôra assim, tudo em que se gastou muito trabalho devia valer muito; e todos sabem que assim não succede. Póde um livro custar muito trabalho a escrever, a imprimir e a encadernar; mas se falta quem o queira, o livro não vale nada. Não basta trabalhar n'uma cousa, para que esta tenha valor; é preciso trabalhar tornando-a util.

Por outra parte, póde haver substancias com grande valor, que pouco trabalho custem a produzir. Um mineiro na Australia encontra, á superficie do solo, uma porção de ouro, que lhe não custa senão o trabalho de o apanhar; e com tudo, esse ouro vender-se-ha pelo mesmo preço d'aquelle que muito custou a arrancar das entranhas da terra. E' pois evidente, por este e outros casos, que o trabalho não é a origem do valor.

Consideremos este assumpto sob outro ponto de vista. Se fosse possível obter uma cousa de valor, tal como o ouro, com pouco trabalho, muita gente quereria ser mineiro de ouro; e muito ouro se produziria e seria lançado no mercado. Se, n'este caso, o ouro fôsse, proporcionalmente, tão necessario quanto o é hoje, continuaria a ter tanto valor quanto tem actualmente. Mas não ha nunca uma ilimitada necessidade de um producto qualquer: e o ouro, n'este caso, passaria a ter os usos

que tem outros metaes de menor importancia; usos para os quaes elle é menos proprio do que esses metaes. A consequencia seria, que o ouro perderia o valor no mercado, e deixaria de ser procurado para os mesmos fins para que o é actualmente. O trabalho gasto em produzir uma mercadoria, não lhe afecta o valor, até que altera a quantidade de que o publico precisa.

Em conclusão: «O trabalho necessario para obter maior quantidade de um producto determina a offerta d'este; a offerta determina se o publico precisa mais ou menos energicamente de um tal producto; e uma precisão mais ou menos energica, ou um maior pedido, regula o valor.»

* * *

Modificando a materia, cujas propriedades variadas conhece; usando, para isso, das forças da natureza de que dispõe, pelos modos que a razão ensina; e buscando adaptar os productos d'esta labutação á satisfação das necessidades do homem; a industria cumpre as suas complicadas funcções, e cria as riquezas de que a sociedade dispõe e que a engrandecem.

Vê-se pois que, para haver producção é preciso: a materia com as suas propriedades naturaes: a força multiforme nas suas acções, que dá á materia forma e qualidades convenientes para os

uzos do homem ; e a intelligencia, que tudo prepara, tudo dirige, e que é o impulso verdadeiramente productivo, na industria, na arte e na sciencia.

A producção, tem pois, tres requisitos essenciaes, a que os economistas chamam : *terra, trabalho, capital*. O trabalho applica-se á terra, á *materia* : e o capital vem ajudar o trabalho, com os instrumentos, as ferramentas, as machinas de que elle precisa, assim como com a necessaria alimentação dos homens durante o tempo em que o trabalho se executa. Passemos a estudar cada um d'estes tres requisitos.

Agentes naturaes. — Tudo quanto se fabrica precisa da *materia prima* de que é fabricado—para fazer um prego é preciso o ferro, ou o cobre de que é feito : para tecer uma fita é indispensavel o fio de seda, ou de lã, e a tinta com que se lhe dá a côr : tudo em que tocamos, e de que usamos, o que comemos e bebemos, tem substancia ; de modo que, antes de tudo, precisamos obter a porção necessaria da conveniente materia.

Importa pouco, qual seja a origem da materia ; quer venha da superficie do solo, quer de profundas minas, quer de largos mares ou pequenos rios, em todo o caso é materia, que a industria modifica e adapta ao consumo dos homens e que é preciso obter pelo trabalho, porque sem ella toda a producção se torna impossivel.

Não só da materia precisamos nós, para a pro-

ducção ; carecemos tambem da força, que nos hade ajudar a extrahir e a trabalhar a materia prima. Assim da terra, ou, para melhor dizer, da natureza tiramos a materia e a força, que nos ajuda a fazer, da materia bruta, riqueza. Estes são os *agentes naturaes* da producção. Ora, d'entre todos os agentes naturaes, sobresaee a terra como o mais importante ; por ser aquelle que, em boas condições, póde produzir mais abundantes e mais ricas colheites ; e é por isso, que os economistas dão a este grupo de agentes da producção o nome commum de terra, o que póde dar lugar a confusão. Terra, em linguagem economica, é synonymo de origem de materiaes para a producção ; — um agente natural da producção.

Trabalho. — Por si só, os agentes naturaes não produzem riqueza. Por maior que seja a fertilidade natural do solo, o homem viria a finar-se á mingua de alimentos, se não fizesse esforço algum para se apropriar das producções do mesmo solo ; os fructos bravos das arvores pódem apodrecer nos ramos, antes de se tornarem riqueza, se os não colhermos ; e os animaes do mato só pódem servir ao homem depois de os caçar. Para tecer o panno de que fazemos a roupa ; para edificar a casa em que moramos ; temos de colher os materiaes necessarios para uma e outra cousa, e modificál-os depois pelo trabalho. A quantidade de riquezas de um povo, mais depende do seu

trabalho bem encaminhado, do que da abundância de materias primas que o cercam. — A America do norte é um dos paizes mais fertéis, mais abundante em minas de todas as qualidades, mais revestido de frondosas matas, que no mundo se encontra ; e com tudo, os primitivos habitantes ali jaziam na mais completa miseria, porque lhes faltava saber e actividade, porque não sabiam nem queriam trabalhar.

Capital. — O homem que trabalha não obtem logo a remuneração do seu trahalho, antes precisa esperar que este esteja concluido, e que, se não é destinado para o consummo proprio, encontre no mercado quem o compre; para, com o seu preço, o homem que trabalhou alcançar o de que precisa. Assim pois, o homem que trabalha tem que acudir ás suas necessidades ; alimentar-se e abrigar-se durante os dias de trabalho; e para isso necessita ter uma reserva de alimentos e de valores. Além d'isso, para modificar a materia, para produzir, carece ferramentas; para obter força, carece de animaes, ou de uma queda d'agua, ou de uma machina de vapor; senão, empregará enormes esforços para alcançar insignificantes productos. Ha pois algumas cousas, que devem estar previamente em reserva, para que o trabalho industrial se possa fazer. Essa alguma cousa, é o *capital*.

O capital é, como os agentes naturaes e o tra-

balho, um dos requisitos da producção. O capital é o fructo do trabalho e da terra, que se não consumiu, que se reservou para auxiliar a execução de novos actos de producção.

CAPITULO IV

Agentes naturaes

Sem o auxilio, sem a cooperação dos agentes naturaes, a industria humana nada poderia produzir. Conhecidos esses agentes e o seu modo de obrar, o homem põe-os ao seu serviço, e usa d'elles do modo mais apropriado para conseguir os seus fins — grupar, combinar a materia sob certas formas, e modificar-lhe as propriedades, a forma, a grandeza, para a tornar apta a servir as necessidades da sociedade.

Os agentes naturaes são diversos, mas todos se podem reunir em dois grupos, em conformidade com os phenomenos geraes da natureza: materias e forças. Estes estão, umas vezes separados e outras reunidos.

Na materia podemos encontrar todas as propriedades physicas, em maior ou menor grau; e essas propriedades dão, ás diversas qualidades de materia, maior ou menor aptidão para nos servir para um ou outro uzo. A materia custa sempre

algun esforço, algum trabalho a conseguir; e por isso toda a materia destinada á producção vem a ser, necessariamente, possuida por alguém. Sendo limitada a sua quantidade, perfeitamente definidas as suas aptidões, e não podendo a mesma substancia servir simultaneamente para dois ou mais fins, é claro que a materia tem os requesitos necessarios para se tornar a propriedade d'alguém, e que só assim se applica na industria. A posse da materia não se pode isolar da posse da forma e das outras qualidades que o trabalho dá á mesma materia; e que a fazem servir para a satisfação das necessidades do homem.

As forças naturaes não se gastam nunca; repetem a sua acção, transformam-se, mas nunca se extinguem. As forças prestam-nos serviços, mas depois de os prestarem, podem tornar a prestar outros; a menos que se não transformem, porque, n'esse caso, só sob a sua nova forma nos podem tornar a ser uteis. Em todo o caso, para se applicarem á producção as forças naturaes, é preciso dispor d'ellas e d'ellas usar: e enquanto se usa de parte d'ellas n'uma industria não se pôde d'essa mesma parte usar n'outra industria.

Usa-se, por exemplo, de um motor de agua para pôr em movimento um moinho; isto é, usa-se do esforço que a agua, caindo de certa altura em virtude da força da gravidade, pode fazer sobre uma roda

hydraulica, que põe em movimento : aqui, a industria não faz senão aproveitar uma lei geral da natureza, que manifesta a sua acção n'um dado caso; a lei continua a existir, a força da materia não se gasta. Mas, no caso de que se trata, a agua, depois de cair, perde a faculdade de pôr em movimento a roda hydraulica, Assim a força natural consome-se em produzir um dado trabalho, e, simultaneamente, não poderia produzir outro trabalho mechanico.

Estas considerações, resumidas, applicam-se aos agentes naturaes reunidos na terra propriamente dita, na terra destinada á producção agricola. Aqui a materia e a força acham-se reunidas, e simultaneamente trabalham na producção; e a sua união é tal que, nem de facto nem por abstracção as podemos economicamente separar. A terra serve de apoio ás plantas; ministra-lhe substancias alimentares; e é o reservatorio das forças naturaes, que dão impulso, em parte pelo menos, á evolução d'aquelles seres organizados.

Tem este agente da producção, que os economistas denominam, genericamente, terra, determinados caracteres economicos. Um d'elles resulta de não se acharem, em quantidade illimitada, nem a terra aravel, nem as minas, nem as aguas de rega, nem os motores; por isso, para bem se aproveitarem na industria, é necessario que taes agentes naturaes da producção sejam a

propriedade d'alguem. E este é um dos seus caracteres essenciaes.

Tem a terra arável os caracteres de uma machina, que o trabalho humano prepara para contribuir á producção, e que exerce as suas funcções, com mais ou menos perfeição, segundo está mais ou menos bem preparada para obrar oportunamente, e segundo pode dispor de maior ou menor quantidade de materia prima.

A uma machina de fiar, bem preparada, damos nós a força que a põe em movimento, e damos-lhe a substancia textil que ella ha de transformar em fio: a machina trabalha, a materia bruta é transformada, e da machina sae fio. Se a força pára na sua acção a machina deixa de produzir: se lhe falta a materia prima tambem não produz mais.

Com a terra succede uma cousa analoga.

A terra é a machina. A acção chymica que se manifesta nas materias que ella encerra, o calor e a luz que lhe vem do sol, a vida que trabalha nas plantas, quer ao germinarem, quer em plena vegetação, são formas diversas da força que põe a machina em movimento. A materia prima, são os estrumes, os adubos, a agua, as sementes que se lançam ao sólo. Os productos da machina encontram-se na colheita que se obtem pela cultura.

D'isto que fica dito, segue-se, que ao solo se incorpora o trabalho do homem e o capital; e que,

sem isto, o sólo é esteril. Em geral, são improductivos os agentes naturaes, se os não põe em actividade o trabalho e o capital.

Ha optimistas, que creem que a reforma economica da sociedade, cujos males pintam com negras côres, está na completa liberdade do trabalho; liberdade que garantiria a cada individuo uma porção de propriedade proporcional ás suas necessidades. Esta opinião porem é falsa; pois que a riqueza não é o producto do trabalho só, mas tambem da natureza. Os dons da natureza, porém, são limitados; e como o solo e outros agentes naturaes não se acham ao alcance dos homens de trabalho, não tem elles os meios proprios para adiquirir a propriedade de taes cousas. Se a natureza, com prodiga liberalidade, favorecesse egualmente a todos com seus dons, todos poderiam em pouco tempo ser ricos. Mas a natureza dá, com parcimonia, e distribue, desegualmente, os seus dons, e d'aqui resulta a desigualdade de fortuna entre os homens.

A natureza não cria valores, porque estes estão dependentes do trabalho. Não se pôde, egualmente, dizer que é o solo a origem unica da riqueza. A verdade é, que dos dois factores depende a riqueza, e não de um só d'elles.

O homem, sem os agentes naturaes, seria incapaz de crear a riqueza. Os agentes naturaes, sem a acção do homem, ficariam perpetuamente estereis.

CAPITULO V

Trabalho

Não é o movimento, o esforço empregado em vencer qualquer resistencia oposta pelas substancias á acção do homem, que constitue o trabalho, na sua verdadeira accepção econõmica. No trabalho ha o esforço, encaminhado pela razão humana para um determinado fim, que é a satisfação de alguma das nossas necessidades. Os movimentos desordenados de um louco, os seus esforços para mover uma roda ou levantar um peso, sem fim algum, ou para quebrar objectos uteis, não constituem trabalho; mas, no ultimo d'estes empregos, dão mesmo a distuição do trabalho.

Em qualquer trabalho, na accepção economica da palavra, ha sempre um fim bem determinado, e os esforços empregados tem o destino de alcançar esse fim, o mais facilmente possivel. Assim, o trabalho presupõe as faculdades mentaes do homem, convenientemente empregadas para dar os melhores, os mais seguros, os mais baratos resulta-

dos ; isto é, os resultados obtidos com o minimo esforço.

O homem é uma força productiva, mas não é uma machina. O seu trabalho é dirigido, em todos os casos, pela razão applicado em mais ou menos elevado grau. Na propria machina que aproveita as forças da natureza, que utiliza, em serviço da riqueza social, os agentes naturaes, ha a acção mental do homem que a dirige ; sem o que ella, a machina, nada produziria. É pois claro que, quando se trata do trabalho do homem, nós temos a attender a outras considerações, que não precisamos ter em conta quando se trata dos agentes naturaes.

O homem é um ser vivo, racional, livre e responsavel : não é pois uma simples força productiva, de cujos destinos e de cujos deveres, como ente moral, se não deva a sciencia preoccupar. Todos sabem, que um dos mais graves e dos mais temerosos problemas do nosso tempo é a denominada «questão do trabalho». Querem as classes laboriosas melhorar a sua sorte, e julgam-se com direito a uma parte maior na repartição das riquezas, que se produzem pela combinação e cooperação do capital, dos agentes naturaes, e do trabalho. Até que ponto é justa a reclamação das classes laboriosas ? E, se é justa, em que proporção o é ? E como se poderá conseguir, com equidade, a distribuição das riquezas produzidas pela

industria, entre os agentes que contribuem para uma tal produção. Ao lado de uns, que quizeram, para resolver a questão social, voltar aos principios e ás praticas do antigo regimem, estão outros, que só n'uma transformação radical da ordem social creem haver remedio para os males que affligem as classes trabalhadoras; emquanto que os economistas se mostram persuadidos, de que a liberdade e a acção das leis naturaes firmará a verdadeira justiça distributiva. Nada d'isto assim é.

Com as modernas doutrinas, as modernas convicções politicas; com os novos usos, e as novas necessidades populares; com os actuaes desenvolvimentos da industria e do commercio; seria impossivel e absurdo voltar para traz, buscar remediar o mal agravando-o ainda mais. Querer transformar subitamente a sociedade; derrubar tudo para reconstruir tudo; abrir um abysmo para salvar a sociedade do abysmo; são extravagancias de imaginações enfermas, que desconhecem as lições da historia, e as leis que presidem á evolução social.

«A natureza não dá saltos» dizia um celebre naturalista; isto póde, melhor ainda, dizer-se da sociedade. Atravez da mais profunda revolução social ou politica, o presente liga-se com o passado e prepara o futuro; postas de parte as apparencias, apparece a logica inevitavel dos acontecimentos.

Os economistas confiam tudo da liberdade absoluta ; porque acreditam que a sociedade obedece a leis naturaes, semelhantes ás que regem a natureza physica. Nada tem o legislador, pensam elles, que occupar-se com a distribuição da riqueza; porque esta se faz segundo leis naturaes, que seria injusto e até perigoso querer contrariar. *Laissez faire, laissez passer* : eis o principio de liberdade proclamado pelos economistas. Façam-se as cousas, e transitem de mercado em mercado livremente ; eis a doutrina do optimismo. Tudo se passará o melhor possivel e para o maior bem da humanidade. Não ha que cuidar dos interesses das nações, nem das necessidades especiaes que resultam da historia e das condições naturaes dos povos ; o que importa é a maior utilidade de todos no mundo. A sciencia economica é uma sciencia universal.

É verdade que o homem tem um mobil nas suas acções ; é o interesse proprio. Mas tem outros tambem que lhe regulam as acções ; e entre estes, o sentimento da sociabilidade, da collectividade.

Tirar deducções absolutas do aphorismo, de que o homem só se dirige pelo interesse individual, é não conhecer o homem e seguir um errado caminho. Ha aqui — no que se refere á distribuição das riquezas, ás graves questões sociaes do trabalho — o direito, a justiça, as leis, a organização

social, os sentimentos moraes ; e tudo isto influe poderosamente nas evoluções e nos resultados da liberdade economica.

www.insteool.com.cn

* * *

Pelo trabalho o homem exerce um esforço encaminhado pela razão, com o fim de modificar a forma ou algumas das qualidades da materia, tornando-a apta para satisfazer algumas das nossas necessidades. Assim, o homem que trabalha imprime na materia o seu pensamento ; produz riquezas. Não cria, porque não pôde, nem materia nem força : mas cria utilidade. O seu interesse é que o trabalho seja o mais productivo possível ; isto é, que uma dada quantidade de trabalho produza a maior somma possível de riqueza. Para este fim, o trabalho deve ser : na melhor occasião ; no melhor logar ; do melhor modo.

A utilidade de trabalhar na occasião propicia não pôde pôr-se em duvida. Todos buscam fazer as cousas quando lhe é mais facil, e quando estão mais seguros de obter do trabalho o maior producto. Assim, o lavrador sabe que a melhor epoca de deitar a semente á terra é no outomno ou na primavera : que o estrume se aproveita melhor no inverno, quando a terra está endurecida pela neve ou pela geada : os concertos nos vallados, a abertura das vallas convém mais, quando não ha obra mais urgente a executar : o pão deve ir para

a eira, quando está ceifado, e o tempo está bom. No norte da Europa trabalha-se activamente em fazer o feno durante o verão; o corte das madeiras só se faz no inverno, e é só ao derreter da neve, quando os rios engrossam, e se lançam as arvores em jangadas aos rios, para que a corrente as leve aos portos de embarque.

É uma regra boa de seguir, a de não fazer hoje o que mais facil é fazer amanhã: mas é ainda regra melhor e mais segura, não deixar para amanhã o que é mais facil fazer hoje.

Mas, a fim de esperar a occasião opportuna para fazer as cousas, é necessario ter capital de que se possa viver, esperando. Assim, pois, uma das condições do aproveitamento do trabalho é a escolha da melhor occasião; e essa mesma depende do capital. O trabalho não é nem póde ser independente.

Empregar o trabalho no melhor lugar, no lugar proprio, é um principio evidente. Quem irá semear trigo entre pedras, ou plantar arvores de fructo nas areias do mar? Ninguem; porque seria perder o trabalho. O mundo apresenta regiões variadas, e variadas aptidões productivas: querer obter da cultura do solo productos, n'uma região que lhes não é propria, é um verdadeiro desperdicio do trabalho, um contrasenso economico, uma verdadeira perda de riqueza.

Em Portugal produz-se bem a vinha, e mal a

canna de assucar : querer cultivar esta, e deixar a producção do vinho ás regiões da Europa central, é lutar contra as difficuldades que se não pôdem vencer de todo, ou só se pôdem vencer com perda de trabalho, e diminuição de riqueza.

O trabalho deve executar-se do melhor modo possivel : para isso, é preciso combinar as cousas, organizar a industria, por fórma que cada operario aproveite todo o seu teabalho, e se não engane. Por varios modos se póde executar um dado trabalho. Afim de escolher d'estes o melhor, é preciso que o operario seja intelligente e habil, e que seja dirigido por quem tenha sciencia e sagacidade.

Não é sufficiente que o operario seja meramente habil e pratico no trabalho manual ; é preciso tambem que o dirija o conhecimento scientifico do processo que emprega e da natureza do producto que quer obter.

O conhecimento da natureza é, pela sua maior parte, o conhecimento das cousas que na natureza observamos : por esse conhecimento sabemos que, determinadas cousas, postas em presença e actuando umas sobre outras, dão certos resultados, produzem resultados conhecidos. — Sabemos, por exemplo, que o calor obrando sobre a agua produz vapor, e que este se expande com força que depende ds quantidade de calor ; de modo que uma fornalha, uma caldeira, e agua produzem força. O calor transforma-se em força.

O conhecimento das causas, que podem fazer com que o trabalho seja mais facilmente produtivo, pôde poupar trabalho e tornar a produção menos dispendiosa; já se vê, pois, qual a vantagem da applicação da sciencia á industria, de qualquer natureza que seja.

Ensina-nos a sciencia: quando as cousas que pretendemos fazer são impossiveis — como por exemplo a invenção do moto continuo; — ou quando o processo, que pretendemos seguir para conseguir um dado resultado, não é o conveniente — como por exemplo o de fundir o ferro lançando no forno de fundição uma corrente de ar frio, pois que a sciencia mostra que o resultado se obtem melhor quando o ar, que entra, está o mais quente possivel. A sciencia ensina-nos tambem, como se pôde executar um trabalho com o menor esforço; — como, por exemplo, succede quando um barqueiro busca aproveitar-se da maré para ter a corrente a seu favor ao fazer a navegação. É ainda a sciencia que nos encaminha nas grandes descobertas; — como por exemplo na descoberta da photographia, do telegrapho electrico, etc.

CAPITULO VI

Divisão do trabalho

Os philosophos antigos, como os modernos escriptores, estão de accordo em considerar o homem um ser sociavel por natureza. «Um homem isolado, não é homem» diziam os antigos: a natureza humana não pôde expandir-se senão na sociedade. E, o que se pôde dizer do pensamento humano, do progresso intellectual e moral do homem, egualmente se pôde affirmar do desenvolvimento da industria, do aperfeiçoamento do trabalho, da multiplicidade e facilidade dos seus productos.

Uns aos outros os homens se auxiliam, não só pela troca constante dos productos do seu trabalho, mas ainda pela cooperação de muitos na realisação de um determinado trabalho. Cada uma das industrias importantes é o resultado de varias e successivas modificações das materias primeiras. Executam-se pois diversas tarefas, antes de chegar a estar completo um producto qualquer.

Chamam os economistas *divisão do trabalho* a subdivisão das tarefas na mesma industria ; por meio da qual, a cada pessoa em particular, cabe o executar a mesma operação, ou um pequeno numero d'ellas: sendo do conjuncto d'essas operações distinctas que resulta a criação do producto. Não só temos a considerar a divisão das operações na mesma industria, senão também a divisão das industrias e profissões na sociedade, e a intervenção diversa dos diversos agentes pessoaes na constituição da industria, para formar idéa cabal do que se entende por divisão do trabalho.

Entre os differentes paizes que, como os outros, fornecem productos destinados ao consumo, — por intermedio do commercio — dá-se também a divisão do trabalho : e é esta determinada pelas condições naturaes da producção, pelas aptidões do solo, do clima, etc. ; e também pelas aptidões particulares dos homens, e pela natureza das condições economicas dos diversos paizes.

A propria natureza nos está indicando a conveniencia, e não só a conveniencia mas a indispensabilidade da divisão do trabalho. Nos mais singelos actos da vida podemos reconhecer isto.

Ao levantar-nos pela manhã vestimos roupa de linho ou de algodão ; a materia prima foi produzida nos campos da America ou da Asia, ou da Irlanda, levada por navios e caminhos de ferro a fabricas inglezas ou allemãs, e ahi, por meio de

machinas bem combinadas, — verdadeiras maravilhas de engenho e de sciencia, — essas materias foram fiadas e tecidas; o commercio trouxe esses tecidos ao mercado, onde os compramos; costureiras, trabalhando com machinas de costura, fizeram a roupa que pomos pela manhã. Cobrimos-nos depois com fato de lã: esta lã veio talvez da Australia, onde activos collonos sustentam enormes rebanhos: trazida á Europa, aqui é fiada e tecida, e tinta com côres que vem, em grande parte, da Africa. Tomamos uma chavena de chá e comemos pão com manteiga, e, talvez, tambem um pouco de bacalhau, por exemplo: o chá foi creado e preparado na China, a manteiga feita na Bretanha, o bacalhau pescado na Terra-Nova. Tiramos da commoda, que é de muhogno, algum dinheiro em prata para os gastos do dia; ora o muhogno veio provavelmente da America central; e a prata existe talvez na circulação ha muitos seculos, foi talvez tirada de minas, hoje não exploradas, pelos condemnados do tempo dos romanos. Toda a nossa vida é assim; o fructo de operações complexas de todos os tempos, e de todos os logares, para nos satisfazerem as necessidades mais communs. Tudo isto é o resultado da divisão do trabalho. Sem essa divisão, e a mutualidade de serviços, a vida seria impossivel.

* * *

Quando um certo numero de operarios se emprega n'um mesmo trabalho, obseva-se que, cada um d'elles ou cada grupo d'elles, toma a si uma parte do trabalho ; e que é do conjunto de operações diversas, executadas por diversos agontes, que sae o trabalho perfeito. No mesmo lugar, tambem, a gente laboriosa se reúne em diversos grupos, de modo que a labutação geral se divide em muitos empregos ou profissões. Em todos os grãos da civilisação esta divisão apparece ; mas tende a augmentar com os desenvolvimentos da sociedade. É porque cresce, com esses desenvolvimentos, a confiança dos homens uns nos outros, e nas leis economicas que determinam a producção, em relação com as necessidades ; é porque cada vez mais se reconhece, que a divisão do trabalho torna mais barata a producção, ao passo que a torna mais abundante e mais perfeita. No seio da familia mesmo, vemos naturalmente estabelecer-se a divisão do trabalho : a familia do lavrador é d'isto o exemplo mais frisante. Cada um trabalha segundo as suas forças e as suas aptidões ; e as tarefas, quer ruraes quer domesticas, naturalmente se dividem entre o chefe da familia, a mulher e os filhos.

Quanto se complica, actualmente, na sociedade a divisão do trabalho todos o conhecem : cada ci-



dade, cada aldeia tem os seus commerciantes, os seus artistas mechanicos, os seus empregados em funcções diversas: cada districto tem as suas manufacturas proprias: cada paiz tem a sua industria predominante: cada região da terra tem a sua producção natural. N'uns logares, produz-se o algodão, n'outros a lã. Ha terras que dão trigo, outras que dão canna de assucar, bananas, mandioca. A cultura obtem, n'uns logares o trigo, os gados, os legumes; n'outros o café, e as especia-rias. Ha terras em que se trabalha especialmente o ferro; outras em que se laboram as materias textis. Cada fabrica tem os seus agentes de administração, e os seus empregados de escriptorio: tem quem se encarregue do regimen industrial propriamente dito: o que cuide das machinas: o que prepare e escolhe as materias primas: os operarios que se empregam nas varias operações da fabrica: os que cuidam dos transportes. E, para pôr tudo isto em acção, são precisas dezenas de outras industrias: as industrias ruraes; as commerciaes; as industrias fabris. A divisão do trabalho a tudo preside, e actua com energia em toda a escala social. Desde o chefe de estado, até ao mais humilde carregador, todos tomam o seu lugar n'esta grande harmonia das funcções cooperadoras, e para todos trabalha o prestigioso machinismo da industria do mundo.

* * *

A divisão do trabalho é um bem ou é um mal? Que é um bem já nós vimos; porque sem ella a vida social seria impossivel, e o progresso ir-realizavel.

Um economista distincto, Adão Smith, já trahou este assumpto com maestria; e podemos reportar ao que elle disse.

Por tres modos, diz este auctor, se mostram as vantagens da divisão do trabalho:

- 1.º Maior dexteridade nos operarios;
- 2.º Economia do tempo, que geralmente se perde ao passar de uma especie de trabalho para outra;
- 3.º Invenção de grande numero de machinas, que facilitam e abreviam o trabalho, e tornam um homem capaz de executar o trabalho de muitos.

Em quanto ao primeiro — á maior dexteridade nos operarios — não póde pôr-se em duvida, porque a pratica o está confirmando todos os dias. Todos quantos ensaiam executar uma musica ao piano, sem terem aprendido e exercitado os dedos, sabem a difficuldade, ou antes a impossibilidade de o fazer. A mais simples operação manual, quando se repete muitas vezes, executa-se mais facilmente do que a principio. Um ferreiro, diz Smith, que nunca fez pregos, difficilmente póde fazer 200 a 300 maus pregos n'um dia de traba-

lho : com pratica, pôde aprender a fabricar 800 a 1:000 pregos n'um dia : mas rapazes creados na industria dos pregos pôdem produzir, no mesmo tempo, 2:300 ou mais.

A menor perda de tempo pelo emprego n'uma unica operação industrial é tambem evidente. Antes de fazer uma obra, é necessario ao operario dispôr em volta de si as ferramentas e os materiaes de que a obra ha de ser feita : ao acabar de construir uma caixa, por exemplo, tudo está preparado para fazer outra caixa, sem maior incommodo do que houve na primeira ; mas se é preciso deixar tudo e ir começar outra cousa totalmente differente, como por exemplo fazer um par de sapatos ou escrever uma carta, claro é que são precisos outros meios, outras materias primas, outras aptidões.

Em tal caso ha uma perda de tempo evidente em preparar as cousas : a mão hesita ; o pensamento tem que buscar outra applicação ; a aptidão n'um caso é muito differente do que no outro caso.

Não se pôde egualmente admittir, sem restricção, e mesmo sem contestação, a terceira proposição de Smitt. A opinião d'este é que a divisão do trabalho dá logar á invenção de machinas, que facilitam o trabalho ; porque os homens, supunha elle, são mais aptos para descobrir faceis methodos de alcançar um resultado, quando a sua

atenção toda está fixada n'esse assumpto. Os factos, porém, não lhe dão rasão. Verdade é que alguns operarios, occasionalmente, tem inventado diversas maneiras de facilitar o seu trabalho, e ha effectivamente algumas invenções importantes que devem a sua origem a isto. Mas, em regra geral, a divisão do trabalho leva á invenção, porque habilita homens especiaes, illustrados nas sciencias, e principalmente na mechanica e na chymica, a fazer da invenção uma profissão em paizes onde a industria tem uma grande actividade. Grandes inventores, taes como James Watt, Fulton, Stephenson, Wheatston, Bessemer, Erickson, não foram levados aos seus descobrimentos pelo caminho indicado por Smith, mas cultivaram o engenho pelo estudo e pela longa pratica nas sciencias e nas construcções mechanicas: a divisão do trabalho, porém, ajuda a invenção, porque especialisa a construcção das machinas, e fixa a atenção do homem de talento e instrução para pontos determinados da industria.

* * *

As vantagens da divisão do trabalho, indicadas por Adão Smith, juntam outros escriptores algumas de que nos occuparemos agora.

— A multiplicação de serviços, de que resulta uma verdadeira economia de trabalho, é uma d'el-

las. O trabalho do carteiro é um bom exemplo d'isto. Um só homem pôde trazer do correio a centos de pessoas as suas cartas, diariamente; e d'aqui resulta para um só mensageiro um determinado trabalho. Sem o carteiro centos de pessoas teriam de ir ao correio, não só a buscar cartas, se as lá tinham, mas a saber se as tinham; o que daria uma enorme perda de tempo, uma importante interrupção de todos os trabalhos, e, consequentemente uma grande despesa.

Quando uma partida de viajantes explora um paiz desconhecido, durante a noite dividem naturalmente o trabalho entre si: um cuida dos animaes, outro desfaz as bagagens, outro acende o lume e faz a ceia, outro vae buscar agua, e assim por diante. Sem isto seria tudo impossivel, ou quasi impossivel; e todos perderiam. O trabalho, por exemplo, de fazer a comida para doze pessoas não é muito maior do que para duas ou tres. Muitas cousas, uma vez feitas, pôdem servir para milhares de pessoas. A noticia dada por um observatorio meteorologico, de que um temporal se aproxima, pôde igualmente servir a cem pessoas, ou a muitos milhões de pessoas: o trabalho que dá tão importantes resultados, é sempre o mesmo.

—A multiplicação de copias é um meio tambem de augmentar immensamente o producto do trabalho. Abrir o cunho para uma medalha é cousa

difficil, e que dá muito trabalho e demanda muita aptidão; mas logo que estão feitos bons cunhos, é facil tirar por estes muitos outros, com pouco custo. Com a imprensa succede cousa analoga. Escrever um livro dá muito trabalho. Compô-lo em letra de imprensa dá consideravel trabalho; mas uma vez feito isto, tirar muitos centenares de copias pouco custa. D'aqui resulta que, antes da invenção da imprensa, era muito despendioso obter um exemplar manuscripto de um livro celebre: depois d'esta maravilhosa invenção pôde vender-se por alguns réis, o que d'antes senão podia obter senão com grandes sacrificios e despendio.

Á medida que as cousas mais usuaes vão sendo feitas por machinas, são estas cada vez mais baratas, vão chegando ao alcance de todos os consumidores, e vão melhorando assim a sorte do povo.

— A adaptação dos individuos, ás profissões, é tambem uma vantagem da divisão do trabalho. Ha homens fortes, outros debeis; uns engenhosos outros rudes; uns com habilidade nas mãos, outros tropegos ou apenas inhabeis; e para todos ha trabalho n'uma sociedade onde a divisão do trabalho domina. Cada homem pôde occupar-se na industria para que tem mais aptidão e, consequentemente, onde pôde produzir mais, e ganhar maior salario. Quanto maior fôr a divisão do

trabalho, mais probabilidades ha de que cada homem ache em que empregar a sua energia.

—A adaptação das indústrias ás localidades que lhes são mais apropriadas, é evidentemente uma das formas da divisão do trabalho. Quer isto dizer, que cada industria se estabelecerá na localidade mais conveniente, isto é, onde o trabalho seja mais productivo. Assim, emquanto nós produzimos vinhos generosos ou vinhos naturalmente fortes e encorpados, as regiões mais ao norte, onde a vinha fructifica, dão vinhos ligeiros que uma certa ordem de consumidores busca com afino. Em quanto nós produzimos as fructas das regiões quentes-temperadas, outros paizes produzem os fructos tropicaes, e o norte dá-nos os seus productos fabris, o seu carvão de pedra, etc.

Verdade é, que certa ordem de productos fabris em toda a parte parece que pôdem igualmente produzir-se: mas o facto é que n'uns logares se produzem melhor do que em outros.

As sedas fabricadas em Leão, dão d'isto uma prova manifesta. E' preciso não esquecer que os productos da industria são manufacturados, afim de satisfazerem os consumidores, e não para dar que fazer aos trabalhadores. A este respeito vogam edéas erroneas, que tem dado e estão dando origem a grandes inconvenientes. A funcção do commercio é fazer chegar cada cousa onde ha

consummidor que a procura ; e as trocas equilibram tudo ; — necessidades, actividade e aptidão industrial, produção e consumo.

Pela combinação de trabalhos de natureza diversa, para alcançar um determinado resultado, alcança-se maior expedição na fabricação, maior economia na produção, maior perfeição no trabalho. Essa combinação de trabalho não é o resultado de uma organização systematica das industrias ; nenhuma regra a preceitua, nenhuma lei a determina : expontaneamente se vae constituindo, pela conveniencia de todos ; e cada vez se vae completando mais, pela liberdade da industria, pela independencia das profissões, e pela constante luta entre os preços, que é o resultado da concorrência.

Do modo porque esta combinação do trabalho se faz, e das vantagens que d'ella resulta, facilmente faremos idéa, lançando olhar atento para qualquer industria complexa, das muitas que a cada passo se observam. Para produzir um jornal, por exemplo, d'esses que em cada dia compramos por 10 réis, é necessario uma combinação de trabalho sem a qual este resultado seria perfeitamente impossivel. Primeiramente, são indispensaveis os numerosos trabalhos empregados em fundir os typos; e só isto carece da combinação de muitas operações diversas, contribuindo todas para um fim unico. Depois são indispensaveis as

complexas operações; colheita de materias primas, preparação d'estas, formação da massa e trabalho de machinas de que resulta a fabricação de papel de impressão. Ainda a isto ha a accrescentar a preparação da tinta, e a montagem de prelos muito complicados.

Um numero, mais ou menos consideravel, de escriptores prepara os artigos. Um occupa-se da politica, outro do commercio, outros das noticias outros escrevem os folhetins, revistas, etc. Veem depois os compositores, que põem em letra de forma os artigos que lhe dão os jornalistas; e os revisores reveem as provas. Segue-se o imprimir o jornal, e é esta uma tarefa complicada, para a qual se preparam machinas e motores etc. Na distribuição dos jornaes empregam-se muitas pessoas; e além d'isso o complicado e util serviço dos correios. Este é um resumo do que custa a fazer um jornal; dos trabalhos combinados que é indispensavel que cooperem na sua producção. Sem essa combinação seria impossivel uma tal producção, e ainda mais seria impossivel que se vendesse um jornal diario a 10 réis a folha.

O que notámos n'esta industria, em todas as outras, mais ou menos, o encontramos. Não é isto resultado de um plano preconcebido, é o fructo de uma especie do instincto social, que ensina a obter o maior producto possivel com o menor trabalho possivel. Combina-se ás vezes o trabalho stu-

plesmente; quando muitos esforços da mesma natureza se ajuntam para chegar a um dado resultado; assim succede quando muitos homens sommam os seus esforços para pôr em movimento um cabrestante. O trabalho de todos é de igual natureza; a somma de todos os esforços dá um resultado maior do que cada um dos esforços isolados. Outras vezes, como acima vimos, combina-se o trabalho por uma fôrma mais complexa.

— Não deixa de ter inconvenientes a divisão do trabalho, mas esses tem largas compensações nas vantagens que d'ella resultam. E' sem duvida que, á medida que cresce a divisão do trabalho, o poder de cada individuo empregado na industria se vae tornando mais restricto e mais fraco; occupado em executar sempre o mesmo trabalho, e trabalho simples, o operario adquire grande aptidão e desembaraço nos movimentos que tem a executar, mas falta-lhe o tempo para aprender outro officio, e fica constantemente na dependencia de outros, que com elle possam produzir na sua totalidade um objecto, para que elle só em minima parte contribue. Em tal caso, se uma causa qualquer vem perturbar o mercado, ou uma circumstancia qualquer obriga o operario a mudar de occupação, resultam para elle consideraveis difficuldades, da pouca extensão das suas aptidões, e de ser obrigado a emprehender operações a que não está costumado. Por outro lado é certo, que a

simplicidade das operações, que cada operario tem de executar, em virtude da divisão do trabalho, facilita em vez de dificultar, que os operarios possam transitar de uma para outra industria, segundo a necessidade do momento.

Outro inconveniente da divisão do trabalho é complicar o mechanismo da produção, por forma que se alguma causa vier interromper a actividade de uma industria, isso é sempre acompanhado de mais ou menos completa ruina dos industriaes, que d'ella se occupam e de uma crise para o numeroso pessoal, que d'ella vive.

CAPITULO VII

Machinas

Pelo trabalho o homem modifica a materia,—já empregando as proprias forças, já empregando as forças da natureza que elle combina e domina pelo estudo — afim de lhe imprimir o cunho da utilidade, isto é, a faculdade de poder satisfazer as variadissimas necessidades sociaes. Em todo o trabalho que executa emprega o homem a sua intelligencia e os seus órgãos physicos. É a intelligencia que lhe dá a conhecer as propriedades da materia, as leis naturaes das forças cuja acção está constantemente obrando sobre os corpos e modificando-lhes o modo de ser. Ajudando-se pois d'esses conhecimentos, que a intelligencia lhe dá, elle busca auxiliar-se com as forças da natureza, e as propriedades da materia, para tornar mais faceis, mais prontos, mais efficazes os seus trabalhos destinados á producção. Por esta forma conseguiu o homem como que accrescentar novos órgãos, de um immenso po-

der, aos seus órgãos naturaes e imperfeitos. Assim, nós vemos no martello um punho duro e infatigavel; no fole um plumão, que se não cança de assoprar; nas tenazes dedos de grande solidez. São isto machinas, que substituem e ampliam os órgãos do homem na execução do trabalho. As machinas executam operações importantes, mas é a razão que as dirige.

Entende-se por machinas, em economia politica, todas as ferramentas, machinas propriamente ditas,apparelhos, acções physicas ou chemicas de que a industria se serve para accrescentar as suas faculdades productivas, para vencer as difficuldades que obstem á sua acção; de que a industria se serve para substituir o trabalho humano, e multiplicar-lhe os effeitos, quer utilizando as forças da natureza, quer tirando o maior partido possível dos homens e dos recursos, de varia natureza, que a mesma industria applica.

Todos os melhoramentos, seja qual fôr a sua natureza: as descobertas em mechanica, em chymica, em physica: os processos novos que resultam da applicação de uma verdade scientifica e economica: as invenções e as simplificações em um mechanismo qualquer, n'uma operação chymica, n'uma cultura: um progresso qualquer nas manufacturas, na agricultura, no commercio, nos meios de transporte, na administração, nas sciencias, nas artes, n'uma palavra, em todas as pro-

fissões ; tudo, emfim, dá em resultado a combinação melhor de forças, o seu melhor emprego dando um effeito mais util, isto é, dando mais e melhor producto do que o anteriormente obtido dos mesmos esforços, do mesmo trabalho.

Todas estas cousas tem um resultado analogo, com relação á producção, e por isso a sciencia economica as considera simultaneamente e lhes applica as mesmas considerações.

* * *

Produzir mais, mais de pressa, mais barato, é o alvo a que miram todos os progressos economicos. A divisão do trabalho, como vimos, tem estes resultados; as machinas, que na industria se uzam, dão resultados da mesma natureza.

O homem considerado como agente mechanico, é de uma força por extremo pequena; proxima-mente igual á setima parte da força de um cavallo. O que n'elle vale é a razão. É pelas suas faculdades intellectuaes, que elle domina na natureza. Se não fossem ellas não tardaria a sua precaria existencia a extinguir-se, sob a pressão dos agentes naturaes. O homem, graças á intelligencia, póde indefinidamente augmentar o seu poder, e tornar-se por esta forma o dominador da criação. E' do uso das suas faculdades e dos seus conhecimentos, que o homem tirou o poder de crear a arte industrial, que dirige e determi-

na o emprego do trabalho, umas vezes procurando obter um determinado producto com menor trabalho, outras um producto maior com igual trabalho. www.libtool.com.cn

Quando um agricultor tira da terra, que cultiva, uma grande quantidade de productos de varias qualidades, destinando para cada planta uma quarella de terra, se muda de systema e estabelece uma alternção racional de culturas, um bom systema de afolhamentos, immediatamente augmenta as faculdades productivas da sua fazenda, não pelo emprego de maior trabalho, mas pelo melhor aproveitamento das leis da natureza, cujo conhecimento elle deve á boa applicação das suas faculdades intellectuaes. Quando um fabricante emprega uma machina capaz de substituir o trabalho muscular de dez homens; alcança, primeiro, a economia consideravel de trabalho muscular na fabricação de que se occupa, mas, além d'isso, põe disponivel o trabalho que assim economizou, para poder ser empregado em operações de produções de natureza diversa, e assim augmentou a potencia productiva com o equivalente ao trabalho de dez homens. Assim, o acrescimo do trabalho, alcançado pela introdução da nova machina, só se pôde avaliar, comparando todo o trabalho — sob estas duas formas — que era empregado anteriormente, com todo o trabalho que se emprega depois da invenção da machina.

*
* * *

Comparando a arte industrial de diversos povos, quer na mesma epoca, quer em epocas diversas, logo se notam differenças muito mais consideraveis do que as resultantes da comparação das forças musculares. Vejamos um exemplo. Na America do Norte havia um povo que semeava o milho, fazendo no chão, com os dedos ou um pausinho, diversos buracos, e deitando em cada um oito ou nove bagos de milho que cobria com a mesma terra tirada do buraco. Ora, se em vez d'isto empregasse uma estaca de pau, ou, ainda melhor, um sacho, um homem no mesmo tempo, applicando a mesma força muscular, semearia muito maior quantidade de milho do que pelo primeiro processo. Se, em lugar de sacho empregasse o arado puxado por uma junta de bois, conseguiria semear muito mais milho ainda, sem augmentar a despesa do trabalho pessoal. Ao mesmo tempo poderia observar a terra revolvida e pulverisada pela charrua; e então reconheceria que a nova maneira de empregar o seu trabalho o tornou mais fecundo; por modo que, da mesma quantidade de esforços, obtem um producto mais consideravel.

Isto, que se torna evidente n'estes singelos exemplos, é tambem evidente em toda a extensa escala da industria; e, em toda ella, a arte industrial

emprega os mesmos meios e chega a resultados semelhantes. Em toda a parte, a arte tende a diminuir a somma do trabalho necessario, para obter um dado producto e a substituir ao trabalho muscular do homem o trabalho das forças da natureza: estas põem o homem em circumstancias de vencer obstaculos, que não poderia nunca subrepujar com as suas proprias forças desajudadas e debeis. Tomemos como exemplo a industria dos transportes. Com difficuldade carrega o homem aos hombros o pequeno peso que pôde sustentar nos braços; e, depois de o pôr aos hombros, não é facil ao homem sustentar o pezo, ficando com os braços desembaraçados. N'estas circumstancias, um carregador, por caminhos estreitos e máos, leva com difficuldade um pezo de 36 a 40 kilogrammas, a 20 kilometros de distancia, por dia; isto é, 800 kilogrammas a um kilometro. Uma mula pôde com 175 kilogrammas, conduzidos a 30 kilometros, em cada dia; isto é, 5,250 kilogrammas a um kilometro; e, como um homem pôde facilmente guiar duas mulas, segue-se que, por este meio, augmenta os seus recursos de transporte na proporção de 10,500 kilogrammas a um kilometro por dia.

Preparando a superficie sobre a qual os transportes se hão de fazer, isto é, construindo estradas; empregando bons vehiculos, que supportem as cargas e que possam rodar pelos caminhos, al-

cança-se uma enorme economia de força, um aumento na facilidade dos transportes, e, consequentemente, uma extraordinaria economia no custo da condução dos productos industriaes de umas para outras localidades. Assim, para fazer escorregar uma pedra de cantaria do pezo de 1:080 libras sobre uma superficie horisontal da mesma natureza, grosseiramente alisada, é preciso empregar uma força de tracção igual a 758 libras. A mesma pedra, arrastada sobre peças de madeira, precisa apenas de uma força igual a 652 libras. Sobre uma plata fórma de madeira e puxada sobre madeira, exige 606 libras de força; e cobrindo de sabão as superficies de madeira que, uma sobre a outra, escorregam, então basta uma força de tracção igual a 182 libras. Collocando a pedra sobre rolos de trez pollegadas de diametro, póde mover-se esta com uma força aquivalente a 34 libras. Uma força de 28 libras basta para a mover sobre peças de madeira, e uma força de 22 libras se os rolos estão postos entre duas peças de madeira.

Cuidando na construcção das estradas, e em diminuir a tracção nos vehiculos, observam-se, na relação da tiragem á carga total, as seguintes differenças :

1

N'um terreno não batido, argiloso etc...	0,250
N'um terreno natural não batido, arenoso	
ou de cré.....	0,165

N'um terreno firme, batido e liso.....	0,040
N'uma calçada bem conservada.....	0,033
N'um taboleiro de ponte de carvalho não aplainado.....	0,022
N'um caminho de ferro em bom estado..	0,007
N'um caminho de ferro, e com os eixos bem lubrificados.....	0,005

Fácil seria multiplicar os exemplos, para provar que ao homem é dado augmentar os seus recursos productivos, acrescentando ás suas as forças da natureza, e aperfeiçoando os seus meios de crear productos, applicando a esse fim os conhecimentos que cada dia vae adquirindo das leis que regem a natureza dos phenomenos a que essas leis dão lugar. As machinas augmentam o poder do homem por tres formas: 1.^a Augmentam o effeito da sua força muscular; 2.^a Economisam ou o tempo ou o emprego d'essa força; 3.^a Permittem tirar mais proveito dos mesmos objectos materiaes.

* * *

O uso das machinas, o aperfeiçoamento das artes industriaes, o augmento da producção da terra, o maior aproveitamento do trabalho, o progresso, emfim, tem tido um resultado immediato favoravel á massa da população; tem diminuido o custo da producção, tem barateado os productos,

têm libertado os povos da pesada escravidão do trabalho rude, e da penosa miseria. Productos que, antes do emprego das machinas e antes dos progressos da sciencia, só podiam ser alcançados pelos favorecidos da fortuna, hoje chegam a todos.

A carestia dos productos é o obstaculo principal aos progressos da sociedade; cada vez que uma invenção nova vem baratear os productos necessarios ao homem, a civilisação geral sobe; não só porque os pequenos haveres chegam para alcançar taes productos, mas tambem porque os homens, livres de parte dos seus cuidados, ao abrigo de parte das suas miserias, e necessitando menos empregar as forças physicas e mais as suas faculdades intellectuaes, podem melhor empregar o tempo e os cuidados em levantar e desenvolver as suas faculdades moraes.

Houve um tempo, e não vae longe, em que a roupa limpa, — a camisa, as meias — era um luxo aristocratico; e n'esse tempo a posse de um livro um thesouro, que poucos conseguiam alcançar. Quando se leem os testamentos dos reis e dos principes de ha quatro ou cinco seculos, não se pôde deixar de admirar a importancia que tinham roupas que hoje todos possuem, e de ver mencionados livros que actualmente se alcançam por alguns vintens. Antigamente as fabricas inglezas de algodão mal chegavam para o consumo interno; e qual apenas subia, em media, a um dicimetro

de estofo por individuo e por anno; hoje produzem essas fabricas 16 a 18 metros por cabeça, e pôdem ainda exportar quantidades enormes. Os preços de dia para dia diminuem: são actualmente cinco vezes menores do que ha vinte annos, e doze vezes menores do que ha cincoenta. O que succede com o algodão succede com muitos outros productos; e na casa do mais modesto operario encontram-se objectos, que as leis sumptuarias prohibiam usar aos abastados de outras eras.

Os factos estão provando quanto a invenção mechanica, physica, chimica, concorre para realisar as condições de liberdade e de egualdade, e para libertar o homem da escravidão propriamente dita; e d'essa outra escravidão, pezadissima, da miseria e dos trabalhos que deprimem a dignidade do homem e lhe embrutecem as faculdades.

* * *

Apesar dos seus resultados maravilhosos em beneficio de todos, e especialmente no das classes pobres e dos que se empregam na industria, é certo que ainda as machinas tem detractores; e estes, principalmente, as accusam de privar de trabalho uma parte da população operaria, que vive do salario. Isto é um perfeito engano, um engano desgraçado.

A invenção de uma machina traz necessaria-

mente uma economia na producção, mas essa economia dá em resultado o tornarem-se mais baratos os productos; e assim todos os consumidores ganham e os productos são mais procurados pelos compradores; porque estes crescem n'uma proporção maior do que a diminuição, que teve o preço dos productos no mercado. Quando as machinas de cozer americanas se introduziram, as costureiras, que já recebiam um salario insufficiente, receberam vêr-se de todo reduzidas á miseria. O effeito foi justamente o contrario. Os salarios subiram em vez de baixar; e o numero de costureiras, por toda a parte, tem augmentado. Tem isto uma explicação, e é que, quanto mais barato é o trabalho, mais gente precisa d'elle. Quando a costura se faz com tanta facilidade, mais costura se gasta nos vestidos, e estes, podendo obter-se mais baratos, maior consumo teem. Ao mesmo tempo, uma grande parte do trabalho, corte, acabamento, etc., não póde ser feito pelas machinas, e isto dá emprego a um grande numero de costureiras.

Ha, porém, mais de um seculo, que se inventaram as machinas de fiar e as machinas de vapor. Em consequencia d'estas duas invenções, admiraveis machinas põem em movimento centenares de fusos com tão bem combinadas disposições, que bastam alguns operarios para acompanhar os movimentos de uma d'estas machinas. Uma boa fiandeira da Europa ou da India faz apenas trabalho

igual a metade do que executa um só fuso mechnico, de modo que uma operaria de hoje, segundo bons calculos, executa 1:700 a 1:800 vezes mais trabalho, do que ha um seculo poderia executar á mão: assim o poder productivo da operaria d'esta industria tornou-se trezentas a quatrocentas vezes mais efficaz.



O que succede na industria fabril succede tambem na agricultura aperfeiçoada, com o emprego das machinas. O trabalho é mais regular, mais perfeito, mais rapido e mais barato. O numero de operarios, disponiveis para as industrias ruraes, cresce; e como, com os aperfeiçoamentos modernos, a quantidade de operações a executar e de cuidados a ter na agricultura, cresce extraordinariamente, esse numero de trabalhadores disponiveis não é de mais, e todos acham em que ganhar a vida. Ha a accrescentar ainda, que muitos trabalhos violentos e em condições que deterioram a saude dos operarios, podem ser executados pelas machinas; o que é um beneficio enorme para os trabalhadores. Afastados em parte d'esses trabalhos rudes, os homens tem necessidade de empregar, não as suas forças physicas unicamente, mas a sua razão; e assim se elevam, se aperfeiçoam e adquirem aptidões, que os tornam necessarios, e afastam d'elles os perigos da concorrência.

O desenvolvimento de um ramo de industria, ou o melhoramento dos processos empregados na criação de um producto, de que resulte economia, influem necessariamente sobre o progresso de todas as industrias; e, ainda mais, dão como resultado a subida dos salarios.

Quando um industrial dispõe de uma somma para empregar, por exemplo, dois operarios, se, por meio de uma machina pôde alcançar o mesmo resultado, empregando um só operario, despede o outro, e embolsa metade da somma que fica disponível. Porém, como dizia um celebre economista — Fred. Bastiat — é esta a parte do phenomeno que se vê; mas ha outra que se não vê, e é a seguinte. A quantia economisada necessariamente busca emprego; e, como não faltam necessidades que é preciso satisfazer, encontrar-se-ha, ao lado da quantia disponível, uma industria em que esta se empregue, e um operario que ganhe a parte, que deixou de ganhar o operario que foi despedido, em consequencia do emprego da machina. Os factos estão provando a verdade d'isto. Desde que os meios mechanicos de produzir tem crescido, desde que se conhecem melhor as sciencias com que a industria aproveita, a população operaria tem crescido, o numero de industrias tem-se multiplicado, as sommas disponíveis e que buscam emprego tem prodigiosamente augmentado; emfim, tem-se dado, em ponto grande, todos

os factos, que Bastiat quer tornar bem comprehensíveis com a sua exemplificação singelissima.

Ha ainda a accrescentar que, pela invenção das machinas, pelo progresso da industria, se fazem as coisas melhor e mais baratas. Todos ganham; e não ha principio algum de justiça, em nome do qual se possa conceder vantagens a quem faz peor, monopolios a quem produz mais caro, sacrificando o interesse de todos ao interesse de poucos, e dos mais inhabeis e rotineiros.

CAPITULO VIII

Consumo

Com razão os philosophos da antiguidade, Platon e Aristoteles, disseram que a origem da sociedade fôra a inhabilidade do homem isolado para satisfazer as suas proprias necessidades. O homem que possuísse tudo o necessario para a satisfação das suas necessidades, diz Aristoteles, não necessitaria associar-se com outros homens, e não seria nunca membro de uma sociedade.

O celebre Comte observa que : «O homem difficilmente pôde existir no estado de solidão : a familia pôde existir isolada, porque pôde dividir entre si as suas occupações e prover ás suas necessidades ; a aproximação espontanea das familias está constantemente exposta a rompimentos temporarios, occasionados por os mais insignificantes incidentes. Mas quando a divisão regular das funcções se tem desenvolvido n'uma sociedade, o estado social começa a adquirir uma con-

sistencia e estabilidade, que a põe fóra do perigo das divergencias particulares.»

O homem tem necessidades variadas e multiplas, a cuja satisfação elle só por si não pôde dar satisfação : tem pois, de se associar com outros, e buscar combinações, pelas quaes a creação de productos dê resultados sufficientes para a satisfação de todos. Quando se consideram attentamente os phenomenos economicos, reconhece-se logo que a produção não é o fim, é o meio de satisfazer o consumo, na sociedade, das coisas necessarias á vida ; o fim é o melhoramento, o progresso successivo dos individuos, a organização mais perfeita da familia humana. Produzindo pelo trabalho, com o auxilio das forças naturaes e das propriedades da materia, assim como pelo uso de ferramentas e instrumentos mechanicos, o homem não faz se não dar ás coisas qualidades, que as tornam proprias a satisfazer as nossas necessidades. Um oleiro, por exemplo, toma uma porção de barro bruto, limpa-o, amassa-o, busca tornar o mais perfeitas possivel as propriedades do barro, principalmente a sua plasticidade. Depois, usando do torno e dos seus outros instrumentos de trabalho, empregando as suas forças dirigidas pela razão, esclarecidas pela pratica, dá á argilla as fórmias que convém á satisfação das necessidades dos homens. Assim, servindo-se da materia, usando das forças da natureza, incorporou no barro a uti-

lidade que elle não tinha no estado bruto. O industrial não produziu nem a materia, nem a força : o que elle produziu foi a utilidade.

Em todas as industrias succede o mesmo.

O consumo é exactamente o contrario da producção. Esta cria a utilidade ; o consumo destroe a utilidade. O mineiro tira do seio da terra o carvão mineral, e cria assim uma utilidade ; — pois que o carvão em quanto estava fóra do alcance dos que d'elle necessitam, nenhuma utilidade tinha. Quando se consome o carvão, quando se queima, destroe-se a utilidade, é evidente. Combinam-se muito diversas operações industriaes, empregam-se por variados modos as forças da natureza para fabricar o pão : creou-se uma utilidade. applica-se o pão a mitigar a fome dos homens, satisfaz-se assim uma grande necessidade ; o consumo do pão não é senão a destruição da utilidade creada.

A utilidade das coisas póde ser por varias fórmas destruida. Pelo consumo, e é o modo conveniente e opportuno, o que satisfaz aos fins da producção ; ou por qualquer causa destruidora, que inutilisa os fins a que visa a producção. A carne destinada para a alimentação apodrece ; perdeu-se a utilidade, e o consumo nada ganhou. Um almanack tem utilidade no anno para que foi escripto, satisfaz uma necessidade ; passa o tempo, o almanack torna-se velho e inutil. Nada mudou no li-

vro ; acabou a oportunidade, e com esta a utilidade d'elle. Um navio conduz uma valiosa carga de um para outro porto : afunda-se e fica de todo perdido : a utilidade do navio e da carga desapareceram, consumiram-se ; mas a sociedade não satisfaz necessidade alguma : houve perda.

D'aqui, conhece-se que destruir utilidade com o fim de dar trabalho aos operarios, é uma loucura : pois que o fim do trabalho é crear utilidade, e esta tem, por verdadeira e racional applicação, satisfazer as necessidades do homem e ser consumida n'esse intuito. Produzir utilidade, e destrui-la antes que a sociedade d'ella se aproveite no consumo, é quebrar o elo mais importante na successão dos factos economicos, e deixar a producção sem o seu verdadeiro destino. Toda a producção tem origem no trabalho ; assim é o trabalho uma das mais fundamentaes utilidades. Gastar trabalho sem produzir proporcionalmente a elle, é consumir esterilmente, é um desperdicio injustificavel.

Outra consequencia se tira do que fica dito.

* * *

Ha coisas que se não podem consumir se não destruindo n'ellas a utilidade ; quando se consomem, gastam-se. Outras ha que podem satisfazer as necessidades do homem sem se destruir, nem

mesmo estragar. Um livro que se lê, satisfaz uma necessidade, e por satisfazer essa necessidade não se gasta. Uma pintura que se admira, pôde ser contemplada sem soffrer alteração alguma. Um templo, onde se reúne a população para adorar a Deus, tem uma utilidade real ; mas essa utilidade pôde ser aproveitada sem se destruir o templo. E assim muitas outras coisas. Taes coisas tanto mais uteis serão, quanto maior fôr o numero de pessoas que d'ellas se aproveitem. É isto uma verdadeira multiplicação da utilidade. N'este caso, a vantagem resulta de não se destruir a utilidade, mas de a conservar indefinidamente.

Quando a utilidade é destruida, no momento de satisfazer uma necessidade — como succede aos alimentos — é claro que cada individuo ha de consumir uma porção da substancia, que possui esse genero de utilidade. O que convém n'este caso, é que nenhuma parte de utilidade se gaste sem ser proveitosamente, isto é, sem satisfazer necessidades ; e que um objecto d'estes seja consumido quando a sua utilidade fôr a maior possivel. Claro é que, ao achar-se perdido n'uma charneca, um homem que traz comsigo apenas um pequeno fardel, faria uma loucura se o comesse de uma vez, com risco de morrer de fome alguns dias depois. Deve poupar as provisões, de modo que possa tomar algum alimento, quando lhe seja da maior utilidade ; porque, assim, pôde prolongar a existen-

cia até ao momento de se vêr salvo do perigo. Este principio é o principio fecundo da providencia; é a base da economia; é o fundamento da riqueza das nações civilisadas.

CAPITULO IX

Troca e valor

Uma das maneiras, mais communs, de augmentarmos a riqueza, consiste na troca ou escambo dos productos uns pelos outros. O numero das necessidades dos homens cresce com o desenvolvimento da civilisação ; e esse crescimento é tão grande e tão rapido, que se, mutuamente, aquelles se não auxiliassem com o seu trabalho, a existencia das sociedades se tornaria impossivel. Já vimos como, muito naturalmente e por conveniencia de todos, os homens entre si repartem as diversas funcções e dividem o trabalho da producção ; como d'esta divisão de trabalho resulta maior producção, e como melhor se aproveita o auxilio que ás industrias dão as forças da natureza e as machinas. N'estas circumstancias, a satisfação das necessidades dos homens seria impossivel, sem a acção da troca. «Dando aquillo de que não precisa em escambo d'aquillo de que necessita» o homem, embora não produza senão exclusivamente um ob-



jecto, pôde, pela troca, alcançar com que satisfazer as suas necessidades. Compreende-se a troca de objectos uteis, de riquezas; depende do obvio principio, de que cada uma de nossas necessidades, tomada em separado, necessita de uma porção limitada de um artigo, para ficar satisfeita. Quem tem por dia tres libras de pão, não pôde necessitar mais pão; pôde, porém, ter energica necessidade de carne, de vinho, de café. Se encontrar quem tenha mais carne do que precisa, mas a quem falte pão, os dois se combinarão, e, por meio da troca, os dois chegarão a ter o de que carecem. O que houve aqui? Houve troca «do que era comparativamente superfluo pelo que era comparativamente necessario.»

As necessidades e aos desejos que d'ellas nascem, não ha limites determinados; mas o certo é, que ha limites, e que, o que excede esses limites, pôde servir, e serve de elemento de troca. Nada ha, por exemplo, mais necessario do que a agua. Tem, comtudo, limites a necessidade que d'ella temos; e a intensidade de uma tal necessidade varia com as circumstancias, e principalmente com o uso que d'ella intentamos fazer. Um copo de agua n'um deserto pôde salvar a vida de um homem; e a sua utilidade é, em tal caso, inapreciavel. Com dois a tres litros por dia, um individuo tem agua para beber e fazer a preparação dos alimentos. De cinco a dez litros se precisam abso-

lutamente para a limpeza. Mas d'ahi por diante facilmente se chega a um ponto, em que mais largo supprimento de agua se torna de muito menor importancia. Hoje calcula-se, aproximadamente, em cem a cento e vinte litros por dia e por cabeça, o abastecimento completo de uma cidade: um abastecimento superior não tem senão uma pequena utilidade, que não compensa as despesas necessarias para obter uma quantidade grande de agua. Quando a agua excede os limites convenientes, póde produzir e produz estragos e calamidades ; como succede n'uma inundação.

* * *

Consideram os economistas como *riqueza*, tudo o que é mediata ou immediatamente util ao homem, que existe em quantidade limitada, e que se póde transferir de uma pessoa para outra. Quando está satisfeita a necessidade, que o homem tem de uma certa riqueza, não quer mais ; mas póde necessitar de outra coisa, que pela troca póde alcançar. Por esta fórma se reconhece que a troca produz ganho de utilidade.

Supponhamos tres productores, que ao mesmo tempo são consumidores, — como sempre acontece — um chapeleiro, com grande provisão de chapéu no seu armazem, mas a quem faltam pão e sapatos : um sapateiro, com muita obra em deposit

mas faltando-lhe chapéo e pão : e, emfim, um padeiro bem provido de pão, mas sem chapéo nem sapatos. Cada um d'estes productores tomou para si, dos productos da sua industria, quanto lhe era necessario ; o resto é-lhe superfluo, não tem para elle utilidade immediata. Entendem-se, porém, os tres, e, por meio de trocas, satisfazem as suas mutuas necessidades. O chapeleiro dá chapéos por sapatos e pão : o sapateiro dá sapatos por chapéo e pão, de que necessita : o padeiro dá pão para se calçar e cobrir a cabeça. Cada um dos productos que para o productor, já bem provido, não tinha utilidade, ganha-a ao chegar a quem d'elle precisa. A troca torna possivel a satisfação das necessidades de cada um, e augmenta a utilidade dos objectos trocados.

O que levamos dito, mostra a necessidade das trocas ; e prova que estas criam valor. — O commercio, aproximando os productos de quem os necessita, produz utilidade, cria riqueza.

Para muitos se levanta, como objecção ao que acabamos de notar, a consideração de que da troca nenhuma riqueza resulta, porque o que se dá é egual ao que se recebe. Outros vão mais longe, e pensam que, se uma das partes ganha, é porque a outra necessariamente perde ou é expoliada.

Não ha duvida, de que nas trocas, o que é dado deve realmente egualar em valor o que se recebe em troca ; mas não o eguala em utilidade, para

quem o recebe, porque n'esse caso não existiria a troca; esta, pois, augmenta a utilidade das coisas, o que é o fim de toda a producção e de todo o commercio.

Por meio da troca não se dá pelas coisas, na proporção da sua utilidade, e da importancia da necessidade que ellas podem satisfazer; senão o ar e a agua seriam das coisas de maior custo no mundo. Ha, pois, outros motivos, que influem poderosamente no acto da troca. Para d'isto se fazer uma idéa clara, é necessario ter uma noção verdadeira do que é *valor*.

* * *

Já anteriormente dissemos, que o valor é determinado pela troca; é o resultado da estimação que as coisas tem para nós no acto da troca. Não é nos objectos que, propriamente, está o valor; é sim no espirito dos que desejam obtel-os por meio de troca.

Quando se falla do valor de uma coisa, é sempre por comparação que chegamos a formar idéa d'esse valor. Entende-se sempre por valor a proporção na troca. O quanto de uma coisa se dá por outra coisa, é o que nos indica a palavra valor. Ha, pois, sempre duas coisas que se comparam: uma só não nos daria uma positiva noção do valor.

As coisas tem para o homem valor, quando lhe são fornecidas em quantidade limitada e em

tempo opportuno. A utilidade, já o sabemos, não é uma qualidade intrinseca das coisas; não se póde confundir com as propriedades physicas, das quaes a utilidade depende. Utilidade e valor são accidentes das coisas, que dependem do facto de que alguém as precisa; e o grau de utilidade, e a importancia do valor resultante, dependem da proporção em que o desejo d'essas coisas tem previamente sido satisfeito.

Cada acto de troca se nos apresenta, sob a fórma da razão entre dois numeros. O uso da palavra valor, é o modo de exprimir essa razão.

* * *

Sendo muitas, e extremamente variadas, as necessidades dos homens, muitos os objectos cuja troca se torna indispensavel para dar satisfação a taes necessidades, e, havendo probabilidades innumeras de que se não dê a necessaria coincidência entre as pessoas que necessitam e as pessoas que possuem as coisas por umas e outras procuradas; as trocas, propriamente ditas, tornar-se-hiam de uma grandissima complexidade, se não houvesse um meio seguro, e por todos acceito, de as simplificar.

Esse meio é a *Moeda*, a qual exerce duas funções de alta importancia, servindo:

De intermediario das trocas;

De medida commum dos valores.

CAPITULO X

Moeda

Um economista inglez conta uma anedocta, que nos dá immediatamente a comprehensão da utilidade da moeda e da sua funcção nas transacções ; dos seus attributos. Conta elle, que uma cantora do theatro lyrico de Paris, andando a fazer uma viagem artistica pelo mundo, deu um concerto nas ilhas da Sociedade ; devendo receber, como remuneração das suas arias, a terça parte da receita theatral. Feita a conta, coube-lhe á sua parte o seguinte : tres porcos, vinte e tres perús, quarenta e quatro frangãos, vinte mil cocos e uma grande porção de bananas, limões e laranjas. Mademoiselle Zélie calcula que, no mercado de Paris, a sua receita valeria quatro mil francos, o que era boa remuneração por cinco canções. Como, porém, nas ilhas, havia grande escassez de moeda, e a cantora não podia consumir as provisões que recebera, foi-lhe preciso, no entretanto, sustentar os porcos e as aves com os fructos.

Acostumados, como estamos, aos inapreciáveis benefícios da moeda, difficilmente podemos conceber uma sociedade em que a falta d'esta existisse, e em que as transacções se fizessem por meio da troca de productos entre si. Quando o possuidor de uma riqueza, de um qualquer producto, houvesse de o trocar por uma coisa de que necessitasse, a primeira difficuldade seria encontrar alguem que lh'a podesse fornecer em troca do objecto que possui para a transacção, por este lhe ser necessario. Póde haver muita gente que necessite, e muita gente que possua essas coisas, que se necessitam; mas, para se dar a troca, seria preciso uma dupla coincidencia. Um caçador, por exemplo, volta da caça com muitas peças das mais valiosas e das mais desejadas; e precisa prover-se de uma boa espingarda e munições para voltar á caça. Os possuidores de armas e munições, porém, podem estar abastecidos dos productos da caça, por fórma que lhes não convenha trocar por elles as armas que possuem: n'esse caso a troca directa será impossivel. — O dono de uma casa póde encontral-a incommoda e insufficiente para n'ella habitar, e haver outra casa que inteiramente lhe convenha: se o dono d'esta segunda casa se quizer desfazer d'ella, as coisas estarão dispostas para que o primeiro proprietario possa conseguir os seus desejos. Dando-se, porém, a circumstancia, de que não convenha ao segundo propieta-

rio a troca directa de uma por outra casa, sem retorno algum, então a troca será muito difficil, não havendo moeda para a necessaria compensação.

Havendo uma mercadoria, em geral um objecto de valor, por todos aceite, por todos conhecido, e que sirva de intermediario das trocas, todas estas operações se tornariam faceis e rapidas. Essa mercadoria constituiria o terceiro termo de todas estas trocas; a elle se refeririam todos os valores de que exactamente se tornaria a verdadeira medida. Em tal caso, nem a cantora de que acima fallamos, receberia em remuneração das suas arias, uma variedade de productos de diversas naturezas, de mercadorias de que pouco proveito podia tirar; nem o caçador teria difficuldade em vender o producto da sua caçada, e de haver as armas e munições de que carecia; nem os donos das casas achariam difficuldade em as trocar, mediante compensação para lhes egualar o valor, condição essencial para as trocas se realisarem.

Para determinar a proporção, em que a troca de variados productos se pôde realisar, ainda a necessidade do intermediario constante é evidente. Se é precisa uma certa quantidade de carne para obter uma determinada quantidade de trigo, e d'este uma certa porção é necessaria para obter uma porção de queijo, sendo precisa certa quantidade de queijo para alcançar um certo numero de ovos, e ainda uma grande quantidade de ovos

para, por troca, alcançar alguns metros de panno; necessariamente, para ter as mutuas relações de todas estas coisas, a lista será extraordinariamente longa e complicada, por falta de um termo commum de comparação. Referindo tudo a esse termo commum, esse será a medida do valor de cada coisa; e todas as operações de venda e compra ficarão simplificadas.

Ainda a estes ha a accrescentar outro inconveniente das trocas, sem um intermediario, sem um termo commum: é a impossibilidade de partir alguns dos variados objectos, que servem para satisfazer as necessidades do homem. Um alfaiate pôde ter prompta para a troca uma casaca; mas esta excede em valor o que elle necessita de pão ou de carne para o seu consumo; não pôde elle dividir a casaca sem lhe destruir o valor. É claro que carece de um intermedio das trocas, em que converta temporariamente o valor da casaca, de modo que possa dar parte d'esse valor pela carne, parte pelo pão, parte pelas outras coisas que lhe são necessarias; e outra parte, emfim, pôde guardal-a para satisfazer futuras necessidades.

De quanto fica dito, segue-se que é indispensavel um intermedio das trocas; e esse é a *moeda*. Consiste, pois, a moeda, n'um objecto que todos aceitam em troca de quaesquer valores, e que pôde dividir-se em porções mais ou menos importantes. A moeda tem funcções distinctas: é intermediaria

das trocas; é medida commum do valor; é um padrão do valor; é um repositório do valor.

Em vista d'estas diferentes funcções, a moeda precisa ter diversas propriedades. Vejamos quaes devem ser essas propriedades, para a moeda satisfazer aos fins para que se destina. Essas são as seguintes:

- 1.ª Ter utilidade e valor;
- 2.ª Ser portatil;
- 3.ª Ser indestructivel;
- 4.ª Ser homogenia;
- 5.ª Ser divisivel;
- 6.ª Ter um valor estavel;
- 7.ª Ser facil de reconhecer.

* * *

A utilidade é o fundamento do valor. A moeda tem de trocar-se por objectos de valor, e para, que essa troca se possa convenientemente realizar, necessariamente deve ella ter tambem valor, e consequentemente utilidade.

Diversas causas podem, accidentalmente, fazer com que objectos sem valor, exerçam a funcção de moeda. As vezes, na historia da circulação, acham-se conchas sem valor, bocados de coiro, pedaços de papel correndo como moeda: este phenomeno tem explicação. O essencial na moeda é, sem duvida, que todos a aceitem nas trocas livre-

mente ; mas ha de haver sempre uma razão primordial, que leve o publico a aceital-a. E' verdade que o habito, a convenção, a força da lei podem manter a moeda em circulação ; mas, quando a moeda não tem em si valor algum, a circulação necessariamente enfraquece, a moeda perde, pouco a pouco, o seu poder de troca ; e assim depreciada, embaraça, em vez de facilitar as transacções.

Nas sociedades primitivas não era, decerto, o uso da moeda fundado em prescripções legaes : a utilidade das substancias que serviam de moeda era a primeira condição do seu uso. O caurim, tão geralmente usado como dinheiro, forma um valioso ornamento na costa d'Africa, e era, muito provavelmente, ornamento antes de ser moeda. Os bois, as pelles, o trigo, o tabaco, o sal, etc., tem servido de moeda, porque tem em si valor, por serem de grande utilidade. Um economista notavel, Storch, escreveu uma verdade, quando affirmou : «E' impossivel que uma substancia, que não tem valor directo, se possa introduzir como moeda, ainda que, sob outros pontos de vista, ella seja muito apropriada para um tal fim.»

Para que a moeda satisfaça efficaçmente algumas de suas funcções, em especial a de intermediario das trocas e repositorio de valor, é conveniente que seja feita de uma substancia altamente valiosa em toda a parte do mundo e, sendo pos-

sivel, egualmente estimada por todos os povos. Ha razão para pensar ; que o ouro e a prata foram metaes admirados e apreciados por todas as tribus, que ardentemente buscaram obtel-os.

* * *

Não basta que seja de valor a materia de que é feita a moeda, é ainda preciso que a relação do valor com o pezo e volume seja tal, que a moeda não seja nem muito grande, nem demasiadamente miuda. Todos conhecem a tradição, de haver Licurgo obrigado os Lacedemonios a usarem moedas de ferro, para que o seu grande peso os desviasse de commerciar. Hoje o commercio é uma necessidade social, o unico meio de satisfazer as necessidades crescentes dos homens, e um dos modos de desenvolver a riqueza das nações. O pensamento de Licurgo era um absurdo, que nada pôde justificar, em relação aos bons principios da economia e da politica. Hoje seria necessaria uma tonelada de ferro para representar o valor de cinco libras. Nos antigos tempos, muitas substancias usadas como meio circulante, eram pouco portateis. Os cereaes, as pelles, os oleos, etc., eram improprios para moeda, sob o ponto de vista da facilidade de transporte ; não acontecia o mesmo ás cabeças de gado, que a si proprias se transportavam.

O ser portátil a moeda, é importante ; não só por facilitar, a quem a possui, o levar em si sommas importantes, mas ainda porque grandes quantias podem ser transportadas de uns para outros logares, sem grande despeza. D'aqui resulta estabelecer-se quasi a uniformidade no valor das moedas nas diversas partes do mundo.

*
*
*

A indestructibilidade e homogeneidade da materia que constitue a moeda, são qualidades cuja importancia é facil comprehender. Sendo, como é, a moeda uma medida do valor, e um repositório em que este se conserva, claro é que não pôde ser de natureza tal que o tempo a possa damnificar e alterar-lhe o valor ; ao mesmo tempo seria impossivel, que servisse de medida de valor, uma substancia que em todas as suas partes não tivesse identica composição, identicas propriedades chimicas e physicas.

Artigos de commercio, que se deterioram, não podem guardar-se senão por pouco tempo, e por isso mesmo hão de ter um valor muito variavel. Os gados, os oleos, as pelles, e mesmo os cereaes tem, é verdade, valor intrinseco, satisfazem necessidades dos homens ; mas, além de se não poderem facilmente transportar, nem representar um valor consideravel sob um pequeno volume,

conservam-se por pouco tempo, e tem valores que vacillam muito com os tempos e com os logares. Os corpos, que não conservam valores em proporção do pezo, e que, em egual pezo, não tem exactamente o mesmo valor, trariam grandes perturbações ao movimento das trocas, e não poderiam constituir medida exacta de valores.

A divisibilidade é uma propriedade, que está em directa relação com a propriedade de que acabamos de fallar. A substancia de que é feita a moeda deve ser homogenea, para que em todas as suas partes haja o mesmo valor; e, sendo homogenea, deve poder-se dividir, para representar valores maiores ou menores, sem que essa divisão lhe faça perder o seu valor. Uma pelle partida vale menos do que uma pelle inteira; um diamante partido perde muito do seu valor, e todos os pedaços juntos valem menos do que quando estava tudo unido, formando uma gema preciosa. Não acontece o mesmo aos metaes, que nós chamamos preciosos: n'estes a divisão não diminue o valor; depois d'ella, a totalidade das parcellas conserva o mesmo valor do que o todo.

* * *

A moeda, segundo a expressão muito geralmente usada, é o *padrão do valor*; e é ao mesmo tempo a *medida do valor*. Para esse fim deve, ne-

cessariamente, ter valor proprio ; porque sem isso não podia ser nem padrão, nem medida.

O valor é um phenomeno puramente mental ; nasce da nossa apreciação, e não de uma propriedade intrinseca da materia. Mas a unidade, que deve ser um valor determinado—e, como unidade, geralmente recebido — não é a concepção do valor, como disse um auctor inglez ; porque n'esse caso poderíamos dizer, que o *metro* é a concepção do comprimento, a *gramma* a concepção do pezo. Uma quantidade de qualquer natureza, nas sciencias physicas, determina-se em referencia a um padrão realmente existente ; assim, se temos que medir um determinado valor, temos que o fixar em quantidades definidas de uma substancia que tenha valor. E' pois, certo, que a *unidade padrão de valor*, sendo este essencial e constantemente variavel, não póde ser um objecto de valor fixo ; mas é de grande importancia, que o valor da moeda, seja o menos variavel que possivel fôr.

Quando a variação do valor da moeda se considera, em relação ao mercado, n'uma dada occasião, acha-se que todos os preços se alteram em igual proporção, e ninguém perde nem ganha, excepto os que guardam a moeda. Considerando essa variação relativamente a largos periodos — como os contratos se fazem empregando-se a moeda como padrão do valor—então, necessariamente, reconhece-se, que o valor real dos pagamentos se

vae successivamente alterando. As mudanças no valor da moeda prejudicam a sociedade, porque alteram a essencia dos contratos.

E' a um phenomeno d'esta ordem a que estamos assistindo hoje, em consequencia da alteração que tem tido o valor dos metaes preciosos.

Para evitar fluctuações no valor do dinheiro, deve ser facil a todos conhecer a substancia de que é composto, a sua pureza, e ter a certeza de qual é o seu pezo exacto. Sem isso os enganos seriam grandes, as falsificações numerosas; e o valor da moeda, não merecendo esta confiança, continuadamente variavel. E' para fixar e garantir estas qualidades essenciaes, que se estabeleceu o uso de cunhar a moeda. A materia de que é feita a moeda, deve pois receber com facilidade e conservar inalteravel a cunhagem; de modo que uma moeda qualquer, recebendo o cunho do estado, possa ser conhecida por todos como boa moeda legal, igual em pezo, grandeza e valor a todas as outras moedas eguaes a ella.

* * *

A intervenção dos governos na fabricação do dinheiro, é evidentemente util. Só elle pôde dar uma garantia segura das qualidades e do valor da moeda na occasião da fabricação; só elle pôde merecer a confiança publica e afastar, em parte

ao menos, os inconvenientes da variedade das moedas e da sua falsificação.

Os modos porque o governo pôde intervir na circulação da moeda, podem formar cinco grupos, que resumidamente indicaremos:

1.º Pôde o governo limitar-se a estabelecer um systema de pezos e medidas, e deixar os metaes preciosos correrem de mão em mão, em quantidades que estejam em relação com os pezos e medidas legaes, pela forma que o publico julgar mais conveniente. E' esta a circulação pelo pezo.

2.º Para evitar o incommodo de frequentes pezagens e as duvidas sobre a pureza do metal, pôde o governo cunhar um ou mais metaes em moedas de determinado pezo e pureza; deixando depois ao publico o fazer os seus contratos na especie metalica que mais lhe convenha. Este systema é o da livre circulação de dinheiro garantido.

3.º Para evitar equivocos, o governo, ao emittir diversas moedas em varios metaes, pôde determinar que todos os contratos feitos a dinheiro, na falta de designação expressa em contrario, se entendam em moeda de certo metal, especialmente fixado; ficando a demais moeda para correr, conforme as oscillações do mercado, comparada com a principal especie de moeda. E' este o systema de um só typo legal de moeda.

4.º Pôde o governo emittir duas ou mais quan-

tidades de moedas, de diferentes metaes, e legalmente fixar a relação entre o valor d'essas moedas para a realisação dos contratos. E' este o systema de ~~tipos multiplos de moedas~~ moedas legaes.

5.º Conservando uma só qualidade de moeda como typo principal, fixado pela lei — moeda em que se devem realisar os contratos importantes — o governo póde emittir moedas de outros metaes, que a lei só obriga a receber em quantidade limitada, como equivalente da moeda principal. E' este o systema composto de typos legaes.

Não discutiremos aqui estes diferentes systemas, porque isso nos levaria a alongar demasiadamente esta parte da nossa exposição.

Procura e offerta

O preço das coisas não é mais do que a quantidade de dinheiro que se dá, para poder alcançar no mercado, uma coisa qualquer; ha, pois, uma relação entre uma quantidade de moeda e uma quantidade da coisa, cujo preço por esta forma se determina. Temos, pois, uma relação entre dois objectos uteis como no valor, mas, no preço, um dos objectos é o dinheiro.

A moeda é uma mercadoria que tem, como as outras mercadorias, utilidade e valor. O uso da moeda tem muita conveniencia nas transacções, porque nos dá meio de comparar entre si o valor das diversas mercadorias, referindo-as todas á unidade do valor, que nos é dada pela moeda.

Como é que no mercado se estabelece, n'um determinado logar e em dado tempo, o valor das coisas, e consequentemente o seu preço? Pelas *leis da procura e da offerta*: respondem os economistas.

A *offerta* significa a quantidade de uma merca-

doria, que é dada em troca de certo valor ; o *pedido* significa a quantidade de objectos de valor, que se quer obter por escambo. E' claro, que para se saber quanto se deseja comprar de uma certa mercadoria, se deve conhecer o seu preço, isto é, a sua proporção em relação á moeda. Supponhamos que, sendo o preço do kilogramma de batatas 30 réis n'um certo mercado, o preço do pão é 80 réis e o da carne 300 réis, isto dá-nos a relação de valor entre as batatas, o pão e a carne. A carne vale dez vezes mais do que as batatas, e 3,75 vezes mais do que o pão. Um consumidor pobre calculará, em vista d'estas relações, quanto lhe convém comprar de cada coisa ; e se os preços mudam, se cresce por exemplo o preço do pão, esse consumidor póde entender que lhe convém comprar menos pão e mais batatas. Se o preço da carne baixar, a muitos que a não compram ordinariamente convirá compral-a em vez de uma porção de pão ou de batatas ; e a outros convir-lhes-ha comprar maior porção. Todos sabem que, em o vinho estando muito barato, o consumo cresce rapidamente.

O que succede em relação á *procura*, succede tambem em relação á *offerta*. Se o preço da carne sobe, por exemplo, os lavradores que possuem gado mandam-n'o ao mercado, para tirarem bom lucro ; se o preço baixa, guardam o gado para, em melhor tempo, o venderem. Se se abre um mercado,

em que o preço promette sustentar-se e ser elevado, não só os productores mandam lá os productos que teem, mas tratam de produzir mais, para auferirem os lucros que o mercado promette. E' o que está acontecendo com a exportação do gado bovino. Os creadores e os que se occupam da engorda, estando seguros de vender bem a sua mercadoria, criam mais, engordam mais e melhoram a industria. Quanto mais se consome, mais se produz. O mercado está mais abastecido ; e todos ganham, crescendo a riqueza publica.

As leis da procura e da offerta podem formular-se do seguinte modo : uma subida de preço, tende a crear maior offerta e menor procura ; uma descida de preço, tende a crear menor offerta e maior procura ; inversamente, um augmento de offerta ou uma diminuição de procura, tende a baixar os preços, e uma diminuição de offerta ou augmento de procura, tende a elevar os preços. Estas são as leis : e as suas consequencias sobre a fixação dos preços facilmente se podem prever.

* * *

A offerta e a procura indicam a relação entre vendedores e compradores. Quando alguém quer vender uma mercadoria, e alguém a deseja comprar, a troca é regulada pelo pedido e a offerta. Assim, deve entender-se por pedido o desejo com-

binado com o poder de comprar, ou como diz Adão Smith «o pedido effectivo.» Por offerta deve entender-se a quantidade de uma mercadoria offerta a venda.libtool.com.cn

O preço das mercadorias deve ser tal, que a quantidade, pedida n'uma dada occasião, se ponha em relação com a quantidade offerecida. Se os que desejam mercadorias por um certo preço, as não podem haver, terão que offerecer preço mais alto, para levar mais pessoas a vendel-as. Quanto mais elevado fôr o preço, maior será o abastecimento do mercado; e, se ha alguém que no mercado offereça preço mais alto, isso é logo conhecido aos outros commerciantes. Exemplo: uma lavradeira traz ao mercado uma duzia de gallinhas, e reconhece em breve que a offerta é maior do que o costume. São poucos os compradores, e pouco animados em comprar; e a lavradeira começa a receiar não vender as gallinhas, e não poder comprar o de que precisava abastecer-se para uso da sua casa. Então começa a pedir um pouco menos pelas gallinhas, e as outras gallinheiras são levadas a baixar tambem os preços, até que nenhum comprador quer comprar senão pelo menor preço; e este é o preço do mercado, em resultado da offerta e da procura. Se os compradores são muitos e endinheirados, se ha a vender poucas gallinhas, então a scena é completamente o inverso. As gallinheiras reconhecem que não

haverá difficuldade em venderem todas as gallinhas ; os compradores receiam que o mercado esteja despejado, antes que elles hajam realisado a compra de que precisam, e o resultado é os preços subirem, e assim se estabelecerá o preço do mercado. Assim, os que vendem buscando o maior preço a que podem chegar, e os que compram esforçando-se por comprar o mais barato possível, estabelecem o preço das mercadorias. O preço do mercado será tal, que o pedido por esse preço se tornará igual á offerta por esse mesmo preço.

* * *

O que fica dito, mostra como o preço das mercadorias se fixa no mercado ; é uma relação que se determina pela procura e offerta, entre compradores e vendedores. Mas ainda outro assumpto nos chama a attenção, no phenomeno anteriormente descripto : é a competencia entre vendedores e compradores, a *concorrencia* de uns e outros no mercado. A *concorrencia* indica a relação entre dois ou mais vendedores e um comprador, ou dois ou mais compradores e um vendedor. Refere-se este facto á troca de productos, como a offerta e a procura, porém complica-se pelo pedido ou pela offerta de muitas pessoas, em relação á mesma mercadoria. Em quanto que a procura e a offerta

é um simples processo de troca, a concorrência é um processo duplo, porque consiste primeiro na luta pela mercadoria entre os competidores, e posteriormente na troca do mesmo producto. Assim, quando alguém deseja vender uma mercadoria e outro a deseja comprar, a troca é regulada pela procura e offerta; quando, porém, duas ou mais pessoas desejam vender a mesma mercadoria, e uma só a deseja comprar, os dois ou mais vendedores tem, primeiro que disputar entre si quem ha de alcançar a venda, e depois effectuar a operação.

À concorrência tem os economistas, geralmente, attribuida uma benefica influencia sobre o desenvolvimento do trabalho industrial, sobre os progressos nos processos do trabalho productivo, sobre os preços e o abundante abastecimento dos mercados, tudo em proveito dos consumidores. Admittindo o principio, parece-nos conveniente fazer-lhe algumas restricções, e julgamos que bem disse um economista insuspeito da escola ingleza, o celebre Mill: «Os economistas, diz elle, e os inglezes mais do que os outros, acostumaram-se a dar grande importancia á concorrência, a exagerar os effeitos da concorrência, e a ter em pouca conta outros principios oppostos. . . » Mas é grande o engano no actual estado de coisas, em supôr que a concorrência exerce, de facto, essa illimitada influencia.

*
*
*

Nem a oferta e a procura são as causas unicas determinantes do preço e asseguram a satisfação de todos os legitimos interesses, nem a concorrência é o regulador universal da acção industrial; «benéfico, justo e equalizador», como affirmam muitos economistas, que chegam a dizer que a concorrência é, nos mercados do mundo «o que a gravitação é no mechanismo dos céus».

Estas opiniões, formuladas por maneira tão absoluta, são o resultado do modo de vêr dos antigos economistas da escola de Adão Smith. Segundo estes, os factos economicos são como o resultado de leis naturaes que, a não serem os vicios das instituições, levariam os homens á felicidade.

Os homens são seres com volição, com arbitrio proprio; tem directa acção nos factos sociais e responsabilidade n'elles. Não pôde, pois, a economia politica, como se fosse um ramo apenas das sciencias naturaes, procurar leis para explicar os phenomenos economicos e para reger as acções dos homens, sem modificação, como se fossem algumas d'essas forças fataes, que regem os phenomenos da natureza; forças, que a sciencia pôde conhecer, mas que não pôde por forma alguma alterar, nem nas suas condições, nem na sua intensidade, nem nos seus effeitos.

*

* *

O preço é a expressão do valor em dinheiro. A que seja devido o valor, é uma das indagações em que entram communmente os economistas. Esta não é uma qualidade intrinseca das cousas, mas uma apreciação feita pelo nosso espirito, o qual determina as relações d'essas cousas no acto da troca.

Para crear productos gastam-se esforços mentaes e materiaes, que tem necessariamente um determinado valor, em proporção com a natureza dos esforços que se empregam e com o resultado final d'elles. Nós sabemos, que toda a aquisição scientifica do nosso espirito, toda a aptidão physica dos nossos orgãos para o trabalho, tem um valor real, que se mede pela importancia dos resultados que de taes aptidões se colhem.

Quando queremos crear um producto, previamente buscamos dar-nos conta :

1.º De quanto será o vigor vital que teremos que dispendar na aquisição d'esse producto.

2.º De quanto será o vigor vital que o producto póde dar ; ou, por outra, de qual será a satisfação que o producto póde ministrar ás nossas necessidades.

3.º De qual seja a mutua relação entre o custo do producto e o seu uso.

Por valor economico de um producto entende-se a importancia d'este em relação ao trabalho que custa a sua aquisição, e a satisfação que causa o seu consumo. É este o modo de avaliar do homem isolado, o qual avalia as cousas conforme o trabalho que lhe dão, e o seu gráo de importancia no uso que d'ellas faz. É pois o valor de um objecto a estimação que d'elle fazemos, quando pezamos, consideramos, calculamos a quantidade de prazer e de trabalho representado por elle sob o ponto de vista dos que gosam d'elle e dos que o produzem. Considerando as cousas por esta fórma, a idéa de valor não fica, comtudo, completa; como anteriormente vimos.

O valor é a relação entre productos; e esta noção, a mais importante sob o ponto de vista economico, é a que toma em consideração o *valor em troca* das mercadorias. O valor em troca seria facil de estudar, se as relações commerciaes se reduzissem á simples troca: mas, como os productos passam por varias trocas successivas, de mão em mão, desde a época da sua producção até ao seu definitivo consumo, vão alcançando sempre um certo valor na troca, o qual é, algumas vezes mas não sempre, o preço, ou o equivalente dado na compra. O valor em troca é a estima que fazemos, no nosso espirito, do valor relativo dos productos que se trocam, isto é, a comparação entre os dois valores, de custo e de uso. Ora esta

comparação não é facil: o productor adianta o valor da producção ao consumidor, quando se occupa em produzir para o mercado: o consumidor tem a tomar em consideração, não o custo de producção do objecto que compra, mas o menor custo porque este se póde produzir. Esta avaliação ainda se torna mais complicada pela intervenção que tem, nas trocas, diversos agentes e especuladores, que são intermediarios necessarios entre o productor e o consumidor.

O preço de uma mercadoria não é o seu valor real em troca, mas sim o resultado de duas avaliações, a do seu custo e a da sua utilidade, ambas feitas no acto do mercado entre vendedores e compradores. Em geral o valor na troca, em relação a qualquer producto, está representado no seu preço. No ultimo preço está a maior parte das vezes, condensada toda a serie de avaliações successivas porque o producto passou, nas phases da sua producção e das transacções commerciaes a que esteve sujeito: mas a multiplicidade d'essas avaliações — em que tomam parte muitos intermediarios, cujo interesse é comprar o mais barato possivel e vender pelo maior preço — faz com que os preços soffram muitas oscillações e causem graves perturbações aos productores e aos consumidores. Para comprehender o resultado d'essas oscillações do preço das mercadorias, basta recordar o que diz Mill nos seus *Principios*: « A

quantidade pedida não é uma quantidade fixa, ainda que seja no mesmo lugar e no mesmo tempo; ~~varia conforme o valor~~: se a cousa é barata, ha geralmente um pedido maior do que quando é cara. O pedido, por tanto, depende em parte do valor. Mas é bem sabido que o valor depende do pedido. D'esta contradição como poderemos sair? Como solver o paradoxo de duas cousas cada uma das quaes depende da outra?»

Se a offerta regulasse o preço, seguir-se-hia que o preço de uma mercadoria havia de variar, em proporção com o augmento ou a diminuição da quantidade d'essa mercadoria levada ao mercado. Se a offerta baixasse um terço, o preço deveria subir na mesma relação, isto é, um terço; por outro lado se a offerta subisse um terço, o preço baixaria um terço. Ora de facto tal cousa não succede. Se recordarmos as interessantes observações de Tooke sobre os preços, tratando dos cereaes, veremos que o preço d'esta importante mercadoria subiu de 100 a 200 por cento, e ainda mais, quando a insufficiencia, bem conhecida, das colheitas em cereaes não excede de um sexto a um terço abaixo da media, e quando áquella insufficiencia acudiam os mercados estrangeiros. O economista inglez chegou a esta conclusão: «Se ha uma insufficiencia nas colheitas que monta a um terço, sem uma reserva do anno anterior, e sem probabilidades de um supprimento pela im-

portação, o preço pôde subir cinco, seis, e mesmo sete vezes.»

A opinião de vendedores e compradores, n'um dado momento, pôde também influir sobre o preço. E' a opinião ácerca do estado do mercado que influe nos preços, pois que é ella que determina o modo de julgar dos compradores ou vendedores: e isto, quer a opinião se funde no conhecimento correcto dos factos que se referem ao estado do mercado, quer não; em ambos os casos o resultado é o mesmo. Se um vendedor pensa que ha falta de uma mercadoria, elevará o seu preço, para tirar maior lucro d'essa mercadoria; se julga que ha excesso, consentirá em reduzir o preço. Se um comprador pensa que ha excesso de uma mercadoria, pedirá uma reducção de preço, porque sabe que algum commerciante se sugeitará ao sacrificio, antes do que ver os seus fornecimentos ficarem por vender; se pensa que ha falta, o comprador terá impaciencia em comprar, ainda que seja por alto preço, porque receia que os preços possam subir ainda mais.

Nem sempre uma mercadoria sobe ou baixa de preço, porque d'ella ha falta ou abundancia no mercado. Pode haver grande augmento na quantidade, e não haver uma diminuição correspondente no preço; ou vice-versa. A diminuição de preço pôde mesmo ser compativel com a diminuição na quantidade; e o augmento da quanti-

dade pode ser acompanhada, por vezes, com a subida do preço. Para os compradores, quando encontram os vendedores anciosos por vender, pouco lhes importa as causas; tratam de se aproveitar das circumstancias, e de comprar o mais barato possivel. Quando são os vendedores que encontram os compradores anciosos de comprar, não vão informar-se attentamente do estado de abastecimento do mercado, e tratam de vender o mais caro que podem.

No pedido influe necessariamente a posição financeira dos compradores. Não basta desejar, é preciso, praticamente, poder realizar o desejo; e, quando os recursos faltam, essa realisação torna-se impossivel. Um mercado está bastante provido, é numerosa a concorrência dos que desejam um determinado producto; mas este não pode, pelo custo da produção, deixar de ser de elevado preço, e os que o desejam são pobres; a consequencia é, que o mercado tem sufficiente offerta, o desejo é grande nos compradores e grande o pedido; e comtudo, para se realisarem vendas, é preciso que os preços baixem o mais possivel. Quando os possuidores de uma mercadoria são pobres, e precisam urgentemente vendel-a, são elles que buscam os compradores, que excitam a procura para a sua offerta, e vendem por baixo preço.

Os monopolios industriaes ou creados pela lei,

as especulações, os conluíus na offerta ou na procura são outras tantas causas que perturbam profundamente o jogo regular da lei denominada da procura e da offerta. A propria moda altera as relações da procura e da offerta, e muda os preços dos productos. Emfim, quando a procura de uma mercadoria e o alto preço d'esta, se manifestam, isto necessariamente faz diminuir a procura de outra ou outras mercadorias; quando, por exemplo, cresce a procura de mantimentos necessarios á vida, e o preço d'estes augmenta muito, diminue a procura do trabalho; do que resulta, muitas vezes, a desgraçada coincidência de subir o preço da alimentação e baixarem os salarios.

* * *

A opinião de Mill a respeito da concorrência já acima a citámos. Mostra ella e provam os factos que, da concorrência illimitada, se não devem sempre esperar os resultados beneficos, que a escola ingleza lhe attribue. Em muitos casos a concorrência é o contrario «de benefica, justa, e equalisadora». Sendo a acção livre do interesse egoista, não podia ella satisfazer sempre ás condições moraes, que devem ser o fundamento de uma sociedade bem organizada. Todos pôdem ver que os excessos da concorrência produzem estragos mui-

tas vezes, levam á perpretação de fraudes, cuja grandeza está em proporção com a intensidade da concorrência.

É fóra de duvida que a primeira tendencia da concorrência é baixar os preços, e levar a actividade industrial para onde as condições naturaes, economicas, e sociaes são á mesma industria mais proveitosas. Estas circumstancias mostram, que os obstaculos absolutas á concorrência são um verdadeiro prejuizo para os consumidores; e criam, artificialmente, industrias que não pôdem durar, senão á sombra de uma protecção que lhes garanta preços muitos elevados. Mas d'aqui não se segue que a concorrência illimitada seja sempre util aos povos.

O fim da concorrência, o seu effeito necessario não é o abaixamento dos preços. Os concorrentes não desejam baixar os preços; mas o seu intuito é apossar-se de um mercado, excluindo d'elle outros concorrentes. Os vendedores concorrem a fim de se apossarem do mercado: os compradores concorrem a fim de assegurarem a posse de alguma mercadoria. Nada ha, nem de justo, nem de benefico no homem que luta com outros para os excluir de um mercado, ou para os privar da posse de um producto necessario; como, porém, os preços são as armas da luta, na concorrência, muitas vezes o uso da arma pôde redundar em proveito dos consumidores; já trazendo ó preço

ao seu justo limite, já aguilhoando os industriaes a produzir o mais barato possivel.

Não pôde suppôr-se que a concorrencia tenda invariavelmente a baixar os preços. Quando é entre vendedores os preços baixam; mas quando a concorrencia é entre compradores dá resultado opposto. O productor, aoprehender uma certa industria, tem por fim o lucro, e emprega todos os meios para tornar este o maior possivel. Um homem, porém, pôde alcançar o maior lucro possivel, se dispõe exclusivamente do mercado, ou pôde combinar-se com os que poderiam concorrer com elle. O fim pois de qualquer concorrente é diminuir o numero dos seus rivaes. A tendencia da concorrencia é para o monopolio. Diz-se que ha monopolio, quando um productor ou grupo combinado de productores, tem a posse exclusiva de um producto, ou dominam exclusivamente um mercado.

Todos sabem o que succede, quando a concorrencia se estabelece entre diversas empresas de transporte na mesma estrada. O primeiro resultado é a redução das tarifas, começada por um dos concorrentes e pelos outros imitada; a esta seguem-se outras reduções, até que o trafico se faz com perda. Então succede o mesmo que n'uma briga entre dois individuos, em condições perfeitamente eguaes: o mais forte vence o mais fraco. Nas lutas industriaes, o mais rico vence o mais

pobre : o capital maior esmaga o menor. Sustentando o trafego com perda, nenhum dos concorrentes pensa em beneficiar o publico ; mas o vencedor por fim conseguirá estabelecer um monopolio, e tratará de recuperar o que perdeu e de obter largos lucros.

Capital

Os productos do trabalho manual do homem, são substancias materiaes ; a estas o homem dá utilidade, ou lhe augmenta a utilidade que já tinham, e assim produz novos valores. O que d'esses productos se não consome n'uma dada occasião, vem a formar o capital existente n'essa occasião. Assim devemos lembrar-nos, que o capital é o fructo do trabalho anterior ; se os productos creados pela trabalho são consumidos, podem substituir-se por outros, mas elles em si não podem tornar a existir.

Para produzir é o homem ajudado pelas forças naturaes ; e assim são os productos, nas suas mais simples condições, a representação do trabalho do homem e dos agentes naturaes. Se não consome quanto produz, o homem cria um fundo, de que póde usar em tempo opportuno, já como uma reserva para consumo futuro, já como um meio de augmentar os seus recursos, de robuste-

cer as suas forças creadoras. Uma das condições da produção n'uma industria é a riqueza empregada em ajudar-nos a produzir riqueza nova, é o *capital*. Todo o capital é, pois, riqueza; mas toda a riqueza não é capital, na acceção que a esta palavra dão os economistas. Assim, se um homem tem uma reserva de alimentos, ou uma reserva de dinheiro com que compre os alimentos e viva d'isto meramente sem trabalho, essa reserva que por esta forma se emprega, não se considera um capital, pois se não emprega em produzir mais riquezas. Se o homem, porém, se occupa em levantar uma casa, em abrir um poço, em fazer um carro, ou em produzir uma coisa qualquer, que depois lhe sirva para poupar trabalho ou produzir utilidade, então a reserva torna-se em capital.

A primeira vantagem do capital é facilitar o trabalho, tornal-o mais productivo e augmentar muito a produção das riquezas com que os mercados se abastecem.

O capital sendo necessariamente uma accumulção de riquezas não consumidas, fructo da abstinencia no consumo, é claro que precisa tomar taes formas que por todos sejam reconhecidas como valores reaes, em todas as transacções como taes aceitas, e que sejam de natureza a não se destruir esterilmente pelo tempo, sem servir nem para o consumo, nem para a criação de novas riquezas. Valores com estes caracteres encontram-se no di-

nheiro, que, além de ser um intermedio das trocas, é em si-mesmo um repositório dos valores, e, necessariamente, valor elle proprio.

www.libtool.com.cn

* * *

O capital pôde ser *fixo* ou *circulan'te*. As officinas, as machinas e utensilios, os navios, os caminhos de ferro, os carros e outras coisas que auxiliam o trabalho, augmentam a riqueza, e que duram por muito tempo, constituem o *capital fixo*. Coisas d'esta natureza, quanto mais tempo permanecerem sem alteração, auxiliando a criação de novas riquezas, mais proveitosas se tornam. A industria ganha com a sua persistencia; e esse é um caracter do capital fixo.

As substancias alimentares, a roupa, o combustivel, as materias primas que a producção transforma, e outras coisas necessarias para sustentar os que trabalham e dar applicação aos operadores do trabalho, constituem o que se chama o *capital circulante*. Chama-se circulante esta natureza de capital, porque é destinado a durar pouco, para contribuir á producção. Precisam os capitães circulantes ser consumidos para serem uteis. Os trabalhadores necessitam gastar os alimentos para poderem trabalhar. As machinas de fiação, por exemplo, devem gastar o algodão ou a lã, etc.,

gastar a materia prima para produzir. Os productos da terra, batatas, cereaes, etc., são comidos, e novos supprimentos devem vir renovar os fornecimentos que se gastaram. O capital circulante, que existe no paiz em um dado momento, não é o mesmo capital circulante que um ou dois annos antes existia. Não succede o mesmo ao capital fixo: este dura o mesmo por muitos annos; e se durasse sempre, em quanto póde utilizar-se, seria excellente. Verdade é que muitas machinas se gastam, que os edificios se arruinam, que os navios se fazem velhos; mas essas alterações são, relativamente, em pequeno numero.

O capital toma tambem a fôrma, nem bem a de capital fixo, nem bem a de capital circulante. Nos caminhos de ferro, por exemplo, o carvão de pedra e o oleo são indispensaveis para as machinas e as rodas trabalharem; o seu consumo é constante, immediato, e continuo; é um capital circulante. Os wagons podem durar dez annos; as locomotivas uns vinte annos; as estações chegam, e mesmo excedem trinta annos; as pontes, os tuneis, os aterros concertados a tempo, tratados com attenção, decerto podem durar muito tempo. Assim o capital, é n'estes casos, uma questão de tempo; sendo fixo, quando permanece em estado de se empregar por muito tempo; sendo circulante, mais ou menos, em proporção do tempo que resiste, sem ser necessario substituil-o.

* * *

O capital sendo a accumulacão de riquezas não consumidas, é claro que só a abstenção do consumo pôde dever a sua origem. Ainda que os capitães, sob a forma de materias primas, e de instrumentos de trabalho, sejam indispensaveis para a producção ter logar, é, contudo, certo que antes da formação do capital existiu o trabalho ajudado pelas forças naturaes; de modo que o capital é sem duvida um dos agentes essenciaes da producção na industria, logo que esta entra nos primeiros periodos do seu desenvolvimento natural; mas a producção pôde começar antes do capital se começar a constituir.

O pobre selvagem precisa do duro trabalho de cada dia para não morrer de fome; isto absorve todas as suas faculdades productoras. Logo porém que pôde estar certo do alimento por alguns dias, pensa em fabricar os instrumentos que lhe assegurem os resultados da caça; fabrica o arco, as setas, o machado e a faca de pedra. Estes instrumentos são um capital. Quando trabalhamos para o futuro, sob qualquer fórma, vivemos do capital antes creado, e occupamo-nos em o realisar.

Abstemo-nos de consumir quando não gosamos de uma coisa produzida, ou de outra que, com o mesmo trabalho, se poderia alcançar; e poupamos, quando guardamos qualquer valor para

nó futuro o aproveitarmos na criação de novos valores, ou o consumirmos opportunamente. Se possuirmos uma reserva de farinha, por exemplo, e a comermos, a farinha se gastará e não se poderá dizer que a poupamos. Mas se, em vez de comer a farinha sem fazermos nada, nos occuparmos em construir uma charrua ou um carro, ou outra qualquer coisa duravel que nos possa ajudar na criação de novos productos, não fazemos senão converter uma fôrma de capital n'outra fôrma de capital: um capital de consumo — capital circulante — em capital fixo. Claro é que, n'esta ordem de operações, convertemos um capital circulante n'um capital fixo, um capital com menor duração n'um capital com duração maior. Uma boa charrua póde talvez durar de quinze a vinte annos; e, durante este tempo, o dono tira, pelo uso que d'ella faz, o beneficio do trabalho e do capital despendido; porque, quando a machina estiver estragada e fóra de serviço, deve ter restabelecido todo o capital que custou, pela amortisação, e mais o juro correspondente. O mesmo deve succeder em todas as outras transformações porque passar o capital, para que este se não consuma.

* * *

O homem collocado n'uma cadeia indefinida de seres e no meio da natureza, a que está estreita-

mente ligado, carece para continuar a existir da cooperação do mundo externo; homens e coisas. Carece da acção reciproca dos seus semelhantes, e precisa de certas coisas inanimadas, que lhe sustentam, confortam, e embellezam a existencia.

N'uma palavra, cada um dos membros da sociedade necessita de recursos externos, para desenvolver as actividades da sua natureza propria; para emfim viver.

Esses recursos são de duas ordens: uns, como o ar que se respira, obtem-se sem despendio de força: outros que, sem esse despendio, sem trabalho, se não podem alcançar, como o pão por exemplo. São estes os resultados do trabalho, que não é senão consumo da força da vida humana: são pois verdadeiros equivalentes da força da vida humana despendida em os produzir. Nas transacções dos productos deve estabelecer-se equilibrio entre a força humana, — o trabalho gasto, — na criação de um producto e a restauração d'essa força que, em troca, se alcança no producto que se adquire pela troca.

O capital é a parte do producto, obtido pelo trabalho, que se não consumiu logo, mas que se reserva para facilitar a producção; e, como o fim que se quer alcançar pelos aperfeiçoamentos da industria, é o poder tirar o maior producto possivel do menor trabalho, vê-se bem que a parte

que se reserva como capital é essencialmente util á sociedade, pois que lhe permite poupar trabalho na producção dos objectos que são necessários aos seus consumos. Por meio do capital póde economisar-se o trabalho humano, que é a força viva do homem, para alcançar productos que representam por fim satisfação das necessidades sociais : isto é, maior força creada do que força despendida em relação aos que trabalham. O empreendedor de uma industria não faz senão dirigir os esforços do trabalho — auxiliando-se do capital — pelo melhor caminho, empregando os diferentes processos industriaes, afim de poupar trabalho e obter mais e melhores productos.

Em todos estes actos apparece, como condição impreterivel, o trabalho ; mas o capital é o seu auxiliar absolutamente indispensavel.

Se uma operaria, empregando uma machina moderna, póde produzir 600:000 agulhas por dia, é claro que esta producção não poderia realisar-se se não interviesse o trabalho. O capital previamente representado nas machinas, no fio de aço, etc., tambem é o resultado do trabalho. Mas tambem é certo que, se um capital não houvesse previamente posto á disposição do manufacturador tudo isto, as 600:000 agulhas se não produziriam. A divisão do trabalho, e as suas maravilhosas consequencias, não poderia ter logar sem o capital. É este o fundamento essencial

do trabalho futuro nas suas combinações mais productivas.

O capital circulante, depois de percorrer um círculo de metamorphoses industriaes, apparece por fim no mercado sob a fórma de productos. Preparam-se os campos, semeam-se, cultivam-se, e por fim obtem-se o algodão em rama, por exemplo: o algodão transforma-se em fio; o fio em tecido; e este, por fim, vem ao mercado. Em cada uma d'estes transformações consome-se trabalho, aproveitam-se as forças da natureza, applicam-se machinas, edificios e outros meios para ajuda e protecção do trabalho. O capital circulante é a corrente caudalosa, que tem por origem e tributarios o trabalho, e que acaba por derramar os seus thesouros accumulados no oceano da riqueza social.

O capital fixo participa das mesmas qualidades fundamentaes; é a origem constante da producção, para a qual contribue muitas e muitas vezes, até que por fim se exaure. As machinas, as ferramentas, os apparelhos chimicos, os caminhos de ferro, os canaes, etc., etc., são capitaes d'esta natureza. São o resultado do trabalho; e são estacionarios, são fixos. Os estragos a que os capitaes fixos estão sujeitos, devem pezar sobre o preço dos objectos para cuja producção elles contribuem.

Assim o capital circulante é o capital essencial

da industria; em quanto que o capital fixo é formado dos valores empregados a principio, para montar a empreza industrial, como diz o dr. Schäffle, e acrescenta: «é necessario tornar bem patente esta distincção, visto que o capital fixo na «sua fórma mecanica, pela introducção de machinas, é principalmente atacado pelos socialistas, porque, se diz, que reduz o fundo industrial com que se pagam os salarios do trabalho.»

O capital é um dos mais poderosos instrumentos da industria moderna. A elle são devidos os grandes melhoramentos da agricultura, as grandes economias da producção da cultura em grande.

A falta de capital e o predominio, quasi exclusivo, do trabalho do homem, é o grande inconveniente da pequena cultura, que, aliás, nos paizes pouco adiantados, tem vantagens muito notaveis. Mas como o dessiderato da agricultura, como de todos os outros ramos da industria, é «com o menor despendio das forças vivas do homem, obter a maxima quantidade de satisfação «para as necessidades da vida ou para a existencia «da vida pelo consumo»; torna-se eviðente que o emprego do capital, economisando as forças vivas do homem na producção — visto podermos pelas machinas, construcções, etc., pôr as forças da natureza ao nosso serviço — necessariamente é uma condição de progresso que a todos aproveita.

Quaes sejam os maravilhosos resultados do ca-

pital na industria fabril, é desnecessario recordal-o. A cada instante o vemos; e cada vez se torna mais evidente que a lucta entre a pequena e a grande industria, a industria com pouco capital e a industria com grande capital, a industria que se auxilia das forças da natureza e a industria que se sustenta quasi exclusivamente do trabalho operario, é uma lucta insustentavel, a não ser á custa dos consumidores, isto é, á custa de toda a gente e em proveito de poucos.

* * *

Duas coisas ha a attender na applicação do capital: primeira, a quantidade de capital; segunda, o tempo em que ha de estar applicado.

A mesma quantidade de capital póde dar que fazer a mais ou menos operarios, segundo se emprega em periodos mais ou menos curtos ou longos. Um homem que cultiva batatas, só tem a esperar os resultados do seu trabalho durante um anno, termo medio. Se a sua alimentação e feto, etc., durante um anno, custar 100\$000 réis, vê-se que um capital de 100\$000 réis é sufficiente para o manter no trabalho durante este tempo. Tres homens, cultivando batatas, precisam de tres vezes este capital, ou de 300\$000 réis. Se em vez da cultura das batatas, se tratar da cultura das vinhas, será preciso esperar alguns annos para que

ellas comecem a produzir. Supponhamos cinco annos. N'este caso, cada trabalhador precisará de $5 \times 100\$000$ réis, ou $500\$000$ réis antes de que a operação cultural esteja completa, desde a plantação até á colheita do producto. Tres trabalhadores, nas vinhas, necessitarão de $3 \times 5 \times 100\$000$ réis ou $1:500\$000$ réis de capital. Por esta simples indicação se vê, que o capital necessario n'uma qualidade de industria, é proporcional ao numero de homens empregados n'ella, e á duração do tempo durante o qual o capital está empregado n'ella. Não ha, porém, relação determinada entre o numero de operarios e o capital que estes requerem: depende isto do tempo em que o capital é amortisado, isto é, empregado e de novo restituído ao seu possuidor. Um pobre selvagem busca viver alguns dias pelo consumo do capital que tem; o cultivador de batatas busca viver um anno. N'uma exploração agricola moderna, em que se fazem muitos melhoramentos duraveis, a quantidade de capital necessaria é muito maior. O empregar operarios na construcção de um caminho de ferro exige um capital immenso, porque uma grande parte d'elle se converte em capital fixo e muito duravel: em aterros, pontes, tuneis, estações, etc.

Credito

O que é o *credito*? Varias são as definições que se tem dado do credito, cuja natureza complexa tem formado o assumpto de longos estudos dos economistas. O conjuncto dos meios usados com o fim de que os capitaes transitem das mãos dos que os possuem, mas os não sabem nem querem empregar directamente, para as mãos dos que tem as aptidões necessarias para d'elles tirar partido, denominam-se o credito.

Houve já quem definiu o credito: a transformação dos capitaes fixos ou engajados, em capitaes circulantes ou desengajados. Esta definição precisa esclarecida. Toda a industria precisa de uma porção de capital fixo e de uma porção de capital circulante. Este ultimo, pela rapidez com que se transforma, em consequencia dá acção industrial e pela sua quantidade, determina a actividade da industria. Os meios que poderem soltar os capitaes engajados, sem lhes fazer perder

o seu caracter de fixidez, indispensavel para a producção, isto é, tudo que levar os capitães fixos a poderem simultaneamente representar o papel de capitães circulantes, é um grande progresso, que multiplica a actividade benefica dos capitães e multiplica a producção social. Esses meios constituem o credito.

Diz-se que um individuo *A* faz credito a outro individuo *B*, quando *A* deixa uma parte do que é seu á disposição de *B*, contando que o valor d'esse objecto que cedeu ou o proprio objecto lhe será restituído n'um dado tempo. Assim, uma pessoa que empresta uma coisa dá credito, e aquella que a toma emprestada recebe credito. Este é a confiança; e *A* confia que poderá reaver o que é seu de *B*, conforme as condições ajustadas. *A* é o credor, e *B* é o devedor.

Geralmente não se chama credito ao caso em que a operação, a que nos referimos, tem logar sobre diversos objectos: quando uma pessoa toma um cavallo alheio, ou uma casa, ou um engenho, ou outro objecto d'esta natureza, e paga pelo uso que faz de qualquer d'essas coisas, uma quantia ajustada, diz-se que *alugou* essa coisa, e a quantia que paga chama-se *aluguer* ou *renda*. Quando o uso do dinheiro é limitado, ou inteiramente desconhecido n'um paiz, são frequentes os empréstimos não de moeda mas de generos, taes como cereaes, vinho, azeite e outros; são verdadeiras applicações

de credito; é isto confiar o possuidor de um valor a outro individuo o que é seu, para lhe ser opportunamente restituído, geralmente, com um certo lucro. Por esta fórma, aquellas substancias necessarias ao homem, em vez de estarem conservadas sem proveito nos celleiros de seus donos, vão servir para satisfazer as necessidades d'aquelle a quem foram entregues a credito, que d'ellas se serve para poder alimentar-se em quanto trabalha e produz valores novos com que pague a sua vida; e aquelle que empresta obtem uma remuneração pela operação de credito que faz. Ambos ganham. Nos paizes civilisados, as conveniencias estabeleceram que os emprestimos sejam, em geral, feitos em dinheiro. Um homem precisa de uma machina, e não tem com que a comprar. Pede dinheiro emprestado, com as condições o menos pesadas possivel, e com elle compra a machina pelo menor custo que póde. O mais das vezes, o fabricante das machinas dá-as a credito, accrescentando ao preço d'ellas uma quantia, que é a remuneração correspondente ao valor emprestado até á epoca do pagamento. D'aqui resulta haver muitas vezes dois preços para a mesma coisa: um, quando se compra «a prompto pagamento», e outro, «quando se compra com pagamento a prazo, mais ou menos certo ou indefinido».

Estas simples indicações bastam para mostrar

a importancia do credito. Quando este é convenientemente usado, facilita que o capital vá buscar as mãos que melhor o saibam fazer fructificar. www.libtool.com.cn

Se um capital está em mãos de quem não sabe, ou não pôde fazel-o fructificar; se é superabundante nas mãos de quem o possui, em relação ás necessidades industriaes ou commerciaes que tem a satisfazer; se, no meio do trafego, o capital, n'um dado momento, fica por algum tempo sem applicação; n'estes casos e em outros analogos, a sociedade perderia, e perderia o possuidor do capital, se o credito não tornasse possivel aos homens activos, ás industrias lucrativas mas faltas de capital, haver este poderoso instrumento de producção com que fecundar o seu trabalho.

* * *

A substituição da compra e venda a dinheiro, á simples troca de objectos, directa e de mão a mão, multiplicou as operações, facilitando-as ao mesmo tempo; porque deu a todos os valores que se escambam, uma medida commum e um representante commum da sua importancia. Quantos trabalham, não cuidam desde logo na satisfação directa das proprias necessidades, mas sim em alcançarem pelo trabalho a mercadoria geral, o dinheiro, que depois empregará opportunamente

na compra das mercadorias que lhe hão de servir ao seu consumo. Estes factos tornam mais facil a divisão do trabalho, a especialisação das profissões: e esta é uma das condições essenciaes do progresso e da maior fecundidade da industria.

Estas trocas indirectas, que resultam do movimento commercial, dão origem aos intermediarios. O productor não vende geralmente os seus productos ao consumidor, mas sim a um intermediario, a um commerciante, que depois os põe ao alcance dos consumidores. Às vezes este machinismo complica-se. O productor vende ao negociante em grosso; este cede os productos ao commerciante a retalho; e é d'este que os consumidores compram os productos de que carecem.

N'estas operações intervem muitas vezes o credito. Os consumidores não tem ás vezes contravalores a dar pelos valores de que necessitam para o seu uso; n'este caso teriam de renunciar á satisfação de uma ou mais de suas necessidades; se não interviesse o credito; se os objectos que elles desejam consumir lhes não fossem confiados a credito, para serem mais tarde pagos. N'estes casos póde duvidar-se de que o credito seja sempre de uma utilidade absoluta.

O credito de consumo — que é este de que fallamos — é máo para os que d'elle usam por necessidade, e peor ainda para os que usam d'elle

por imprevidencia, por costume: é sempre de sentir para os que o concedem; e sob o ponto de vista geral não tem utilidade, porque nada cria. Isto não é condemnar o credito, n'alguns casos, quando entrevem entre o ultimo vendedor e o consumidor definitivo; mas é reconhecer a sua utilidade em relação á criação das riquezas, pela maior actividade e maior productividade da industria.

No regimen das trocas indirectas a intervenção dos intermediarios entre o productor e o consumidor, serve para aproximar os productos dos consumidores; serve para facilitar a estes a compra dos objectos de que precisam, áquelles a venda dos objectos que produziram. A importancia do commercio n'uma sociedade organizada, não necessita discutir-se: todos, em cada acto da vida, a podem reconhecer. A roupa que vestimos, é fabricada em Inglaterra com algodão, que provém da India ou da America, e com lã que vem da Australia ou do sul da Africa; o café, que tomamos, chega-nos de Cabo Verde ou de S. Thomé, e o assucar do Brazil; o pão é fabricado com farinhas que, talvez, procedam dos Estados-Unidos ou da Russia; a manteiga vem da Bretanha ou da Inglaterra; a louça de que nos servimos, fez-se na Belgica ou na Allemanha; o queijo fez-se na Hollanda; a pimenta e o cravo são das Molucas; o tabaco vem da Havana ou de outra região mais

ou menos remota ; emfim, para satisfazer os nossos mais singelos desejos, pomos em contribuição o mundo todo. Ser-nos-hia impossivel realizar esta maravilha sem o commercio. Os intermediarios são indispensaveis.

O commercio, porém, não poderia viver sem o credito. Á medida que o commercio se desenvolve e complica, á medida que mais carece de largamente se prover de mercadorias, mais carece tambem do credito, porque mais carece de ceder aos consumidores as mercadorias para serem pagas posteriormente. N'este caso, ou os productores hão de differir a recepção dos contra-valores, o dinheiro, a que tem direito como preço dos productos que cedem ao commerciante ; ou os compradores, os commerciantes, hão de alcançar de uma terceira pessoa, que lhes adiante os fundos necessarios para fazerem os seus aprovisionamentos, para depois pagarem esses fundos obtidos pelo credito, quando revendam aos consumidores as mercadorias que fizeram objecto especial do seu negocio. O negociante, em condições normaes, ou ha de pedir a credito as mercadorias, ou ha de pedir a credito o dinheiro com que as compra.

Não ha duvida que a acção d'estes intermediarios, entre productores e consumidores, é muitas vezes nociva a uns e a outros : aos productores, diminuindo os preços de venda ; aos consumidores, augmentando-lh'os mais do que é equitativo.

Mas a necessidade de taes intermediarios é incontestavel ; e a concorrência por uma parte, e por outra a facilidade das communicações, corrigem esses abusos, e diminuem-lhes os effeitos nocivos.

Qualquer producção da industria carece do trabalho, que por duas formas contribue para esse fim : o trabalho já feito, o trabalho anterior ; e o trabalho a fazer ou o trabalho actual. Para produzir trigo, por exemplo, é indispensavel o trabalho actual do lavrador, que lavra, semeia, ceifa, debulha e limpa o cereal ; mas é igualmente indispensavel o trabalho anterior, sob a fórma de terra desbravada e diversamente melhorada pelo trabalho, de semente, de instrumentos de lavoura, de gado em estado de trabalhar, emfim, de muitas coisas que representam trabalho anterior accumulado ou capital.

A proporção em que estas duas especies de trabalho contribuem para a producção, variam infinitamente segundo as circumstancias. N'uns casos, o trabalho anterior é minimo, e é muito consideravel o trabalho actual ; n'outros casos, este é muito pequeno, e o trabalho accumulado toma proporções immensas. Dois metros cubicos de madeira que, por hypothese, custaram o mesmo trabalho a colher, vão um para a mão de um carpinteiro, que d'elle corta pranchas, e outro para a mão de um marceneiro, que faz d'elle moveis com muita obra de talha ; os productos finaes tem

valores muito diversos, ainda que o trabalho anterior ás obras do carpinteiro e do entalhador seja o mesmo: a diferença de valores resulta do trabalho actual. Milhares de exemplos podem confirmar as observações d'esta natureza.

Nas industrias primitivas, as duas especies de trabalhos estão simultaneamente na mesma mão. Na pequena agricultura, grosseira e rude, vemos que o trabalhador, para a producção dos cereaes, por exemplo, dá ao mesmo tempo o trabalho anterior e o trabalho actual; mas, á medida que a agricultura se desenvolve e aperfeiçoa, a terra carece de muito trabalho anterior, os instrumentos e machinas complicam-se e multiplicam-se, são precisas obras de irrigação, raças de gado que levaram muitas gerações a aperfeiçoar, emfim, um capital valioso; e tudo isto exige a contribuição do trabalho anterior e do trabalho actual, e a intervenção do capitalista, do explorador ou empreendedor da cultura, assim como do operario.

Na industria fabril succede o mesmo. A industria caseira, a pequena industria, dá tanto o trabalho anterior como o trabalho actual; um e outro se concentram no mesmo individuo. Não succede o mesmo na grande industria, onde cresce prodigiosamente o capital e cresce proporcionalmente a producção em relação ao trabalho actual. O capital occupa um lugar proeminente, domina o trabalho actual e muda as condições economicas do mundo.

Este estado offerece vantagens na criação da riqueza, sem duvida; mas dá também origem a inconvenientes graves, que de dia para dia se tornam mais evidentes, e são a origem de um dos mais graves problemas que peçam sobre a sociedade.

Qual é o meio que póde encaminhar para a solução do problema, ou, ao menos, para lhe attenuar os inconvenientes? E' aproximar o trabalho feito do trabalho a fazer, aproximar o capital do trabalho actual, para facilitar a producção e não pôr em lucta uns com outros, os possuidores do trabalho accumulado e os possuidores do trabalho actual.

E o que póde dar este resultado? O credito.

O credito industrial nasce de que as duas especies de trabalho, que devem concorrer para a producção, se não acham sempre reunidas. D'ahi resulta a necessidade para o productor, de solicitar a ajuda da especie de trabalho que lhe falta; d'ahi resulta a necessidade de pedir emprestado, de recorrer ao credito. A harmonia é difficil, ainda que a necessidade seja reciproca. O mais forte tem uma tendencia desgraçada para abusar da sua força; e d'ahi resulta a lucta a que estamos assistindo, entre patrões e operarios, entre capitalistas e proletarios.

Os pequenos capitaes podem muito para attenuar os graves perigos d'esta situação violenta,

sobretudo, associados ; mas não podem tudo, por que a sociedade não poderá nunca desistir das enormes vantagens que tira dos grandes meios de produção, que só os grandes capitaes podem crear. A guerra aos capitaes é, em absoluto, uma injustiça ; mas é mais ainda um erro economico, que põe em perigo os grandes interesses da sociedade.

* * *

Como, pelo credito, os capitaes passam da mão de quem os possui para a mão de quem os faz fructificar, — e essa deve ser, em geral, a função fecunda do credito, — claro é que, para julgar bem o credito, que em principio é coisa excellente, precisamos conhecer as transferencias de fundos a que elle dá lugar. E' preciso conhecer não só para onde o capital vae, mas tambem de onde vem ; conhecer o emprego de que é tirado e o emprego para que vae ser destinado ; só assim poderemos avaliar se o credito dá causa a perda ou a ganho em relação á riqueza social. Muitos abusos do credito não provém de outra coisa, senão da má apreciação das duas posições do capital na occasião em que o credito funciona. Não basta que o credito ponha os capitaes em movimento, é preciso que lhes dê uma direcção conveniente, para que seja benefico, e causa de prosperidade em vez de causa de ruina.

Os capitaes não se movem sem uma causa de-

terminante, e esta é o lucro. Ora este, para existir, precisa primeiro que tudo de segurança. O credito serio tem por fundamento a segurança. Esta pôde resultar; ou da confiança de quem empresta na probidade, na actividade, na aptidão da pessoa que pede emprestado; ou da confiança de quem empresta nos valores possuidos já por quem pede emprestado. O primeiro é o credito que podemos chamar *pessoal*; o segundo é o credito que podemos chamar *real*.

Todos sabem que, muitas vezes, se empresta a pessoas que só possuem a sua actividade, e a sua aptidão em operações de commercio ou de industria, e que, empregando convenientemente os capitães que por esta forma alcançam, criam riqueza com que pagar o que devem e tirar a remuneração do proprio trabalho. N'outros casos os empréstimos são feitos a quem possui valores, que sirvam de caução ás quantias emprestadas; assim, um homem que, com os seus haveres, construiu, por exemplo, uma fabrica dá-a como segurança d'um empréstimo que contrae, isto é, dá ao seu credor o direito de se pagar pelo valor da fabrica, se elle não pagar em devido tempo. Ordinariamente a caução d'esta especie é dada sobre capital fixo, tal como casas, engenhos, navios, etc., mas tambem se dá sobre valores de outra natureza, taes como os productos encelleirados, vinho, trigo, materias primas, etc.

Comprehendem-se bem as vantagens do credito, n'um e n'outro caso. No primeiro torna possivel ao homem activo, trabalhador, e intelligente emprehender negocios lucrativos, produzir riqueza, aproveitar as suas faculdades, embora não possua um dos instrumentos essenciaes da producção, o capital. No segundo caso augmenta o capital de que póde dispor o industrial, ou o agricultor, para desenvolver a sua empresa, alargar as suas operações, dando-lhe com a caução do capital fixo o capital circulante de que elle carece.

CAPITULO XV

Distribuição

Estudámos, anteriormente, como a riqueza se produz, pela acção conjuncta das forças da natureza (a terra), do trabalho e do capital. O fim a alcançar pela produção economica, é que o maximo producto se consiga com o menor sacrificio possivel, isto é, com o minimo trabalho; mas, para que o equilibrio se mantenha entre as forças que contribuem para a produção, é preciso que a cada uma se dê remuneração proporcionada ao modo porque contribuiu para o final resultado. Se o mesmo individuo contribue para a produção com tudo o que para ella é necessario, (terra, trabalho, capital) o producto, sem duvida, pertencerá todo a esse individuo; com excepção apenas do que pertence ao estado, sob a forma de imposto. No estado, porém, em que se acha a industria, isto raras vezes succede; e, quando succede é uma prova manifesta de atrazo, e de

pouca fecundidade industrial. O agricultor, por exemplo, raras vezes é o dono da terra e de todo o capital de que usa, e vê-se obrigado a recorrer ao trabalho alheio para fabricar a sua terra : elle proprio vae, ás vezes, trabalhar n'uma fazenda alheia ; vive n'uma casa alheia ; e até consome alimentos que ainda não pagou, que pertencem a outro ; tira proveito de invenções, e descobertas de outros homens ; e uza das estradas, dos caminhos de ferro, etc., que pertencem á communi-
dade.

Depende a producção da riqueza, em geral, não da vontade de uma só pessoa, mas de differentes pessoas, que representam a terra, o trabalho e o capital. Cada uma d'estas tem direito proporcional a uma parte da riqueza produzida. A distribuição d'estas partes não pôde ser o resultado do acaso ou de um mero capricho, tem causas que a produzem, condições economicas que a determinam. Desde logo chamam a attenção as apparentes desigualdades, que se manifestam.

As riquezas produzidas, o que chamamos o *producto*, dividem-se em *salarios*, *renda*, *juro* e *imposto*. O salario é a parte do operario, a renda é parte que remunera o uso do agente natural possuido ; o juro é a parte remunerativa do capital ; o imposto é a parte que se dá ao estado, para remunerar os serviços proveitosos á communi-
dade.

* * *

O salario, propriamente dito, não é mais do que a paga do trabalho effectivo do homem na producção da riqueza. Ordinariamente, os operarios teem ferramentas, instrumentos, e mesmo machinismo de que usam no trabalho; e são assim verdadeiros capitalistas, devendo por esse capital receber um juro que vae inglobado no salario.

São os salarios pagos ao dia, á semana, e mesmo ao mez; tomam diversas denominações, mas o seu character é o mesmo; e sempre a remuneração do trabalho. Os salarios são pagos a dinheiro, geralmente. Um operario que trabalha n'uma fabrica de tecidos, não recebe no fim da semana alguns metros da obra que produziu; recebe uma certa quantia de dinheiro. Isto é em proveito d'elle; pois que, o de que elle precisa, é trocar o seu salario pelas cousas que podem satisfazer as suas necessidades, e o valor geral, o dinheiro, permite-lhe comprar com facilidade as cousas de que precisa. D'aqui segue-se que o salario, embora pecuniariamente se conserve o mesmo, varia de facto com a alta ou a baixa dos preços das cousas necessarias á vida. Diminuir, pois, o preço das cousas é fazer subir realmente os salarios na mesma proporção; e vice versa. Augmentar a producção, e tornar assim mais baratos os productos, tende a beneficiar o publico, e a fazer o povo mais rico.

Tudo o que faz subir os preços — causa natural ou artificial, — torna mais pobre o povo.

Sendo os salarios a remuneração do trabalho, necessariamente estes não podem ser eguaes ; porque os homens não são todos eguaes, nem nas suas aptidões physicas, nem nas suas aptidões mentaes. Geralmente, as primeiras são menos deseguaes do que as segundas ; numerosos e variadissimos factos o provam a cada instante.

Não se pôde deixar de considerar o trabalho como uma verdadeira mercadoria ; e por isso sujeito á influencia «da procura e da offerta». Quando ha grande necessidade de trabalho, ha grande procura e os salarios sobem. Quando ha pouco trabalho, ou a população cresce por qualquer causa, ha grande offerta, e os salarios baixam. Outras causas influem na procura e na offerta, taes como a natureza dos trabalhos, a sua maior ou menor certeza de duração, a maior ou menor difficuldade de aprender o officio ; e todas estas causas influem na grandeza dos salarios.

— Alguns agentes naturaes, taes como a terra, uma mina, uma queda d'agua, etc., são appropriados pelo homem, que d'elles se aproveita para a producção. Pelo uso d'esses agentes naturaes paga-se a seu dono a *renda*. Como a appropriação dos agentes naturaes se não consegue sem esforço ; como ha que adaptar esses agentes á producção ; e como elles nada produzem, em quanto o inte-

resse os não faz aproveitar, e este não se manifesta em quanto os agentes naturaes não são apropriados, e a propriedade geralmente reconhecida e respeitada; claro é que, ao proprietario de taes e tão necessarios agentes, ha que dar uma compensação pelo uso que d'elles se faz, e essa compensação é a renda.

Como dissemos, os agentes naturaes carecem de trabalhos preparatorios para serem adaptados á producção da riqueza. Uma terra precisa desbravada, para entrar em plena exploração rural; uma queda d'agua precisa de uma roda hydraulica, para se poder aproveitar a sua força mecanica; uma mina, antes de entrar em exploração, carece de muitos trabalhos previos; assim, claro é que se encorpora com o agente natural um capital, mais ou menos consideravel, e que na remuneração pelo uso do agente natural entra tambem o juro do capital n'elle empregado. A renda de uma casa ou de uma fabrica não representa toda renda propriamente dita. Gastou-se capital em construir a casa ou a fabrica, e por este capital ha que pagar juro: é pois necessario deduzir o juro do que se chamava commumente a renda, antes de determinar o valor da renda efectiva. A renda do solo, em que a casa está edificada, é proximamente a verdadeira renda, subtraído o juro do capital gasto na edificação. Semelhantemente, a renda que se paga por uma fa-

zenda include tambem o juro do capital despendido nas casas e officinas de qualquer ordem, nos caminhos, muros, portas, poços, vallas, etc., Só depois de subtrahir o juro de todos os capitães é que se chega ao conhecimento da verdadeira renda.

O quinhão do capitalista é o juro. Deve advertir-se que o capitalista muitas vezes é tambem o emprehendedor da industria, e trabalha cada dia tanto ou mais do que outro qualquer dos agentes da producção. Quando os productos se vendem, elle recebe o preço da venda; mas d'aqui tem elle a subtrahir o que pagou em salarios, em compra de materias primas, em renda. O que fica é o juro do capital e a remuneração do seu proprio trabalho, em que se incluem as despezas feitas com a satisfação das suas necessidades, durante o tempo que durou a operação, desde a producção até á venda dos productos.

O emprego dos capitães é mais ou menos seguro segundo a natureza do emprego que se lhes dá, e segundo uma multidão de circumstancias que se não podem exactamente calcular. D'aqui resulta a necessidade de um grande esforço mental, de um trabalho assiduo, para calcular todas as probabilidades de lucro e de perda; e ainda resta o maior ou menor risco que correm os capitães. O *premio do risco* entra necessariamente no juro dos capitães, e é essencialmente variavel.

* * *
www.libtool.com.cn

Tem os diversos agentes, que cooperam para a produção, direito, sob diversas formas, a uma parte dos valores creados. Esta distribuição dá lugar a graves difficuldades, a luctas e rivalidades lamentaveis. A acção livre dos interesses egoistas não leva os homens á justiça distributiva; mas, não temperada por nenhum sentimento moral, leva os homens á iniquidade e á espoliação. Não podem considerar-se os homens como individualidades isoladas e em lucta; mas sim, como partes de uma sociedade, onde a harmonia se não póde estabelecer senão pela moral e pela justiça. A moral deve reger as acções dos homens; ao estado compete manter a justiça. Sem isto, a lucta dos interesses arrasta os povos á violencia e á desorganisação de todas as relações sociaes.

Felizmente ha causas predominantes que moderam as duras consequencias dos antagonismos humanos, no campo económico: esperar, porém, todos os bens d'essas causas, unicamente e actuando sem restricções, é uma illusão, infelizmente hoje provada pelos factos.

O estado representa a unidade da nação, a sua força, as suas aspirações, as necessidades normaes da sua evolução civilisadora. A liberdade

dos individuos deve ser mantida e respeitada ;
mas acima d'ella ha outra coisa, que é preciso
tambem manter e respeitar.— E' a sociedade fun-
dada sobre a moral e a equidade.

FIM

BIBLIOTHECA

^{DE}
www.libtool.com.cn

AGRICULTURA E SCIENCIAS

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

EM LISBOA, PROVINCIAS, ILHAS E ULTRAMAR



Por series de 12 vol.....	2\$000 réis
" " " 6 	1\$100 "
Avulso cada vol.....	\$200 "

Para o estrangeiro accresce o porte do correio.

Brazil: Por serie de 12 vol.. 6\$000 réis

O importe das assignaturas será pago adiantado e remettido em vales do correio á Direcção da Empresa Commercial e Industrial Agricola, escriptorio, travessa de S. Nicolau, 12, 1.º, onde se recebem assignaturas.

A Direcção da Empresa a todos os Assignantes da BIBLIOTHECA DE AGRICULTURA E SCIENCIAS, logo que seja recebido o importe das assignaturas, passará um documento de responsabilidade pela quantia recebida.

Todas as pessoas que angariarem dez assignaturas realisaveis terão direito a uma collecção gratis da Bibliotheca.

EMPREZA

Commercial e Industrial Agricola

www.libtool.com.cn

(ESCRITORIO PROVISORIO)

12 — Travessa de S. Nicolau — 12

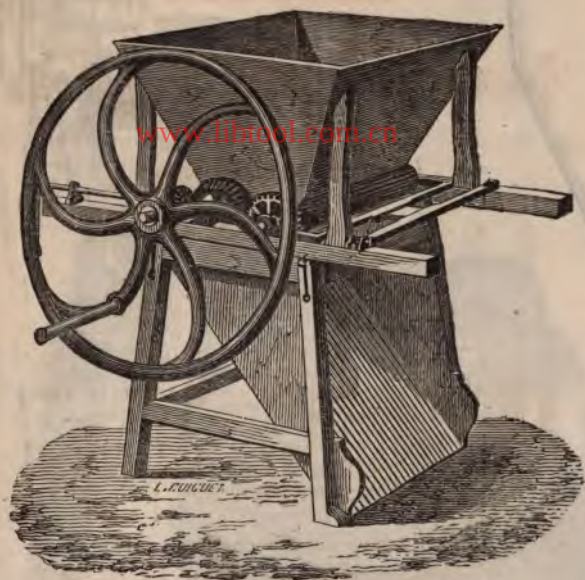
215364

Esta empresa encarrega-se de promover a venda no paiz e no estrangeiro de todos e quaesquer productos agricolas do continente, ilhas e colonias, assim como se encarrega de satisfazer quaesquer encomendas de machinas agricolas e industriaes aperfeicoadas.

A Empresa, zelosa do seu credito, só se encarregará da venda dos productos dos quaes lhes sejam enviadas amostras e que mereçam toda a confiança, pela sua boa qualidade, estado de perfeita conservação e pureza.

Para mais se facilitar as operações com as colonias, resolveu a direcção da Empresa vender quaesquer machinas a troco de generos, assim como se encarrega tambem de receber á consignação todos os productos coloniaes, procurando tanto em compras como em vendas todas as vantagens possiveis em favor dos seus committentes.

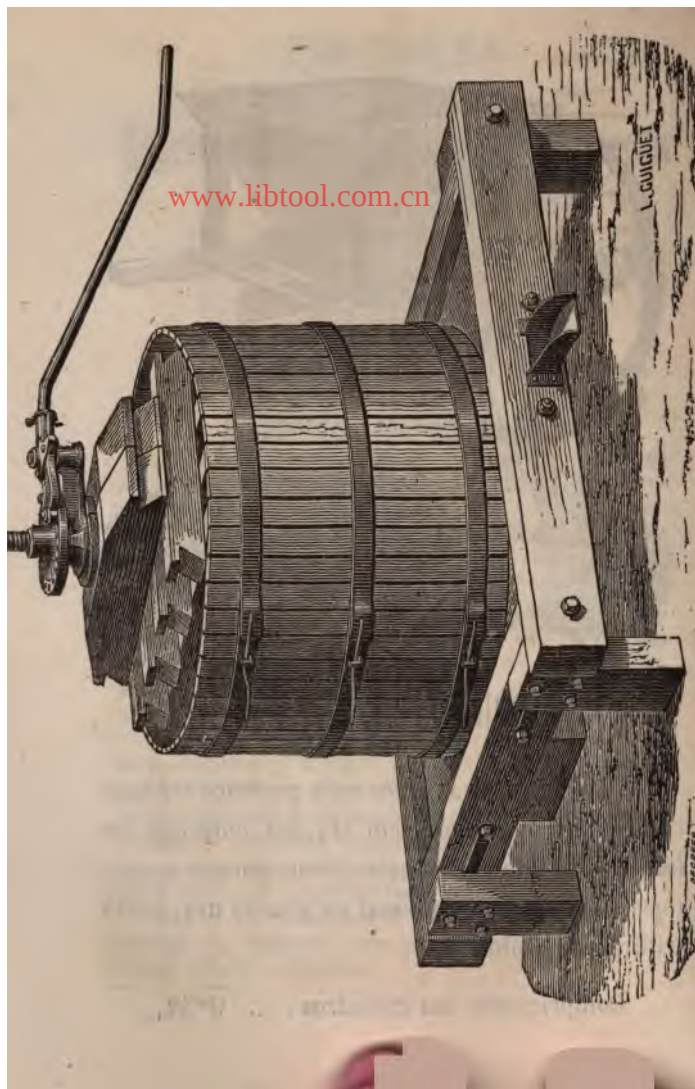
Toda a correspondência deverá ser dirigida á direcção da Empresa, escriptorio travessa de S. Nicolau, 12, 1.º — Lisboa.



ESMAGADOR MABILLE PARA UVAS

Este aparelho é um dos mais perfeitos até hoje conhecidos, e a vantagem do seu emprego no fabrico dos vinhos é indiscutível, porque economisa muito tempo e pessoal na pisa da uva, e não tritura a grainha.

Comprimento dos cylindros . . . 0^m52,

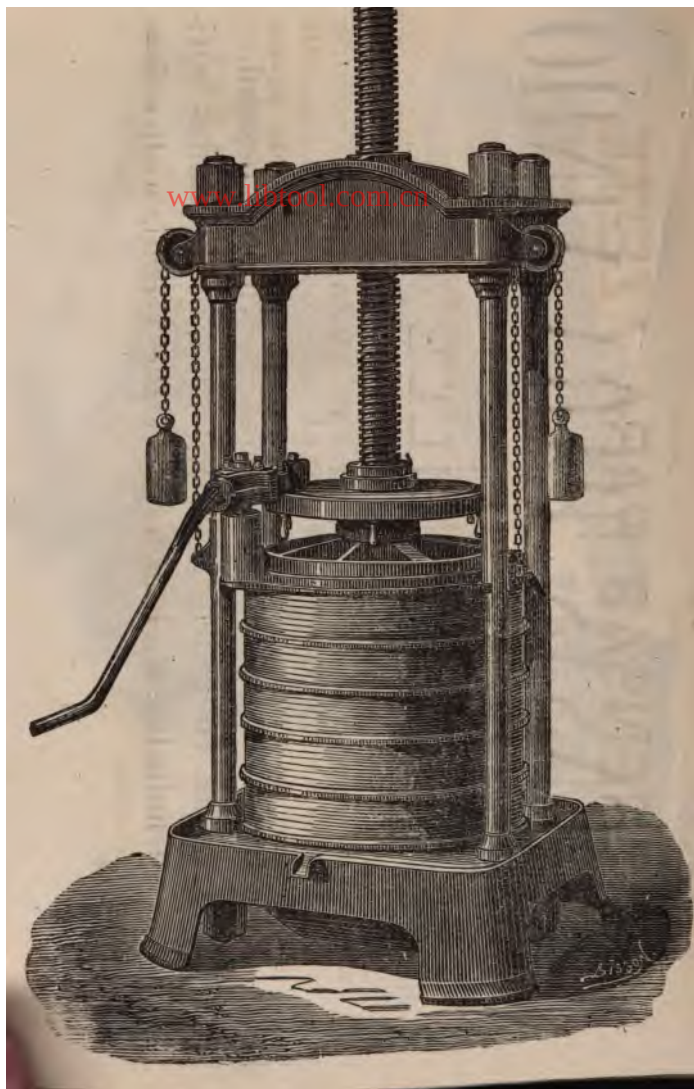


PRENSAS PARA VINHO

MABILLE

PREMIADAS EM TODAS AS EXPOSIÇÕES

Perfeição de trabalho, economia de tempo e pessoal.—
Preços sem competencia.—Depositos de machinas agricolas e industriaes, Largo do Conde Barão, 5, 6 e 7—
Lisboa.



PRENSAS PARA AZEITE

MABILLE

As mais aperfeiçoadas e economicas

Estas prensas especiaes para azeite, são muito superiores a todas as outras conhecidas até hoje; funccionam com a maior regularidade e perfeição em resultado da applicação do **APPARELHO UNIVERSAL MABILLE** e são recommendaveis pelo grande rendimento que dão e economia de pessoal e de tempo. Os seus preços variam segundo o tamanho.

Deposito de machinas agricolas e industriaes, largo do Conde Barão, 5, 6 e 7 — Lisboa.

No escriptorio da Empreza, travessa de S. Nicolau, 12.º, se prestarão todos e quaesquer esclarecimentos.

BOMBAS

PARA

www.libtool.com.cn
TODOS OS SERVIÇOS

NOËL

Unico representante em Portugal

A

EMPRESA COMMERCIAL E INDUSTRIAL AGRICOLA

Estas bombas, premiadas em todas as exposições com os primeiros premios, tornam-se recommendaveis pela perfeição do trabalho que executam, pelo pouco esforço que requerem para as fazer funcionar, e ainda pela grande quantidade de liquido que podem tirar, variando esta de 2:300 a 12:000 litros, segundo o tamanho do aparelho.

Além de todas estas vantagens, as bombas Noel, são extremamente portateis e pela sua boa fabricação e especialidade de construcção, não estão sujeitas a desarranjos e são baratas, o que as torna extremamente mais vantajosas do que qualquer outra dos systemas já conhecidos.

A Inspecção Geral dos Incendios de Lisboa, depois d'uma satisfatoria experiencia, deliberou fazer a acquisição de algumas bombas do systema Noël.

No deposito de machinas da Empresa, largo do Conde Barão, 5, 6 e 7, acha-se exposta uma boa collecção de modelos de bombas Noël, e no escriptorio da Empresa, travessa de S. Nicolau, 12, 1.º andar, se prestarão todos e quaesquer esclarecimentos que forem pedidos.



BOMBA N.º 1

PARA

VINHOS, CERVEJAS, CIDRAS E AGUARDENTE

Rendimento por hora 2:500 a 3:000 litros

CHARRUAS



FRANCEZAS E INGLEZAS DE DIFFERENTES SYSTEMAS

COM 1, 2 E 3 AIVECAS DE FERRO OU AÇO

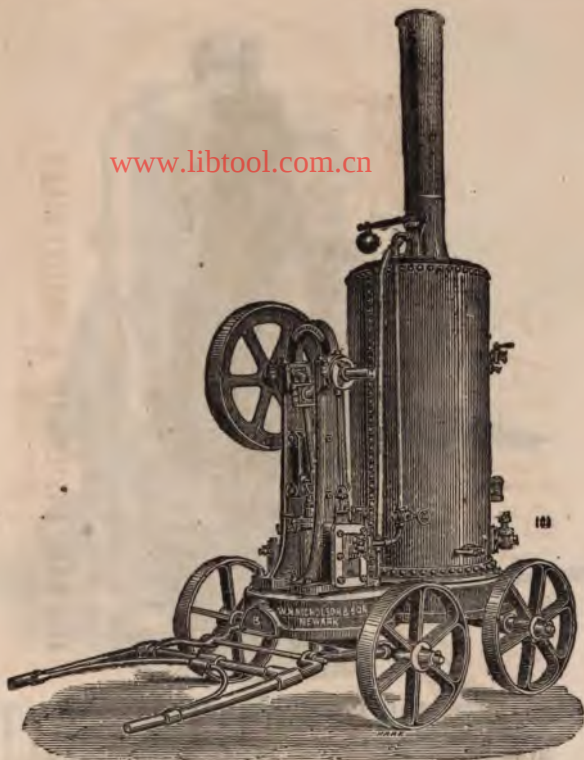
Escarificadores — Amontoadores — Arrancadores de batatas

PREÇOS OS MAIS MODERADOS

DEPOSITO DE **MACHINAS AGRICOLAS E INDUSTRIAES**

5, 6 e 7 — LARGO DO CONDE BARÃO — 5, 6 e 7

www.libtool.com.cn



MACHINA A VAPOR
Com caldeira annexa

Montada sobre rodas, proprias para quaesquer trabalhos agricolas, força de 1 a 5 cavallos. Preços moderados.

A Empreza Commercial e Industrial Agricola encarrega-se tambem de mandar vir grandes locomoveis e lavouras a vapor, completas, dos melhores auctores, montando-as a trabalhar e garantindo o bom resultado. Preços sem competencia.



PULSOMETRO

O pulsometro é um dosapparelhos mais simples, perfeitos e economicos, é vantajosamente empregado no levantamento da agua. Este aparelho substitue com grande vantagem as bombas em todos os casos em que ellas se empregam: esgoto de poços, de minas, de terrenos inundados, aproveitamento d'agua dos rios, etc., etc. O pulsometro além de muitas outras vantagens não está sujeito a desarranjos e trabalha com a maior regularidade ainda que a agua seja carregada de areias e de quaesquer dectricitos. Estes aparelhos podem tirar de 2:500 a 630:000 litros d'agua por hora.

O pulsometro funciona pela condensação do vapor prescindindo de todo e qualquer machinismo.



PULSOMETRO E CALDEIRA

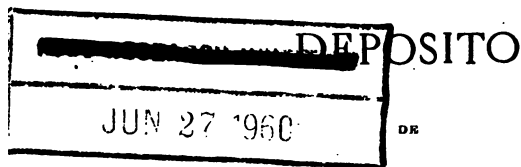
MONTADO EM CARRO

Utilissimo aos empreiteiros,
colonos e lavradores.

ENXOFRE MECHANICA

www.libtool.com.cn PARA VINHAS

Este aparelho é muito leve,
funciona com a maior regulari-
dade, economisa muito enxofre e
é extremamente barato.



MACHINAS AGRICOLAS E INDUSTRIAES

5 a 7, Largo do Conde Barão, 5 a 7

PB-55755-SB
21

www.libtool.com.cn

www.libtool.com.cn

230
STANFORD UNIVERSITY LIBRARIES
STANFORD AUXILIARY LIBRARY
STANFORD, CALIFORNIA 94305-6004

www.libtogo.com (650) 723-9201

salcirc@sulmail.stanford.edu

books are subject to recall.

DATE DUE

JAN 06 2003

SEP 25 2003

www.libtool.com.cn